

Abril a Junho de 1908

BOLETIM DA REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Noticia sobre a conservação dos monumentos egypcios

dada em sessão d'assembleia geral de 6 de junho de 1900

(Continuado do numero antecedente)

Thebas***A cidade das 100 portas***

Assim lhe chamava Homero na sua *Iliada*; mas Herodoto e Strabão já fallam dessas grandezas, como passadas de ha muito, pois ellas coincidiram com as dynastias propriamente de Thebas, desde a XI á XXVII, que comprehenderam aproximadamente 1.600 annos (seculos XXII ao VI antes de J.-C.) Então houve a primeira invasão dos Persas que não foi das mais destruidoras e depois da sua expulsão pelas dynastias do Delta (de Saïs, de Mendes e de Sebanytos) voltaram ainda por algum tempo os Persas, que dessa vez foram mais crueis, e veio Alexandre o grande com os gregos, que, apezar de mais civilizados que os primeiros, fizeram comtudo, de principio, grandes destroços nos monumentos egypcios para castigar Thebas das revoltas successivas para os expulsar.

Os Ptolomeos governaram neste paiz durante 300 annos, mas consideraram sempre Alexandria como sendo a capital, e os Romanos fizeram o mesmo, apezar dos grandes trabalhos que executaram até Philéa.

Nestas condições Thebas decaía por completo e os seus monu-

mentos ha perto de 2.000 annos que estão derruidos, ficando intactos, por escondidos, apenas os tumulos e sarcophagos dos seus reis e rainhas; dos ministros e dos principaes sacerdotes.

São os mortos que vem fallar actualmente, iniciando-nos nos usos e costumes da vida e da morte dos habitantes d'aquellas paragens, que ha 5.000 ou 6.000 annos estiveram á testa da civilisação do mundo.

A sua evocação parece uma scena fantastica do claustro de S.^{ta} Rozalia no *Roberto do Diabo* ou do Val-Purgis no *Fausto*.

Que de riquezas e d'objectos d'arte ali não estão soterrados! Quanto não tem avançado os conhecimentos humanos com a sua descoberta!

As ruinas, porém, espalhadas por differentes partes d'aquella extensa área, nas duas margens do Nilo, são tão grandes que de qualquer lado que se entre na enorme bacia, rodeada de montanhas, se vêem, similando colossaes fantasmas.

Chegando do Sul pelos barcos, são as columnas do templo de Luksor e os colossos de Memnon; vindo do Norte são os pylones do templo de Karnak e os obeliscos com o pyramidion dourado, parecendo querer desafiar o raio.

Estão em ruinas é verdade, mas são tão imponentes, que o espectáculo é empolgante.

A fig. xxx, planta da antiga área da cidade das 100 portas, mostra como são pequenas as superficies actualmente occupadas pelas villas de Luksor e de Karnak, povoações com certa importancia na vida do paiz, em comparação da superficie total da estampa, que ainda não comprehende toda a área que a antiga Thebas occupava n'uma e n'outra margem do Nilo.

A margem direita era a dos templos e dos grandes edificios, a margem esquerda a das necropoles e dos sitios para veranear.

Seriam os suburbios, como desde o monte *Valerien* até *Issy*, em Paris, por *Saint-Cloud*, *Belle-Vue*, e *Meudon*; pois é necessario dizer que a actual capital da França cabia á vontade dentro da antiga Thebas.

Até as tres ilhas, no meio do Nilo, dão certa semelhança com Paris. Da sua historia antiga apenas se conjectura que ella fosse uma colonia de Memphis, que o proprio Menés mandou ali estabelecer, e onde residio nos ultimos annos da sua vida, pois o seu tumulo foi en-

contrado, não ha muito, por Morgan em Nakadé, cidade proxima do lado do norte.

O que é certo é que, desde a v dynastia egypcia, Thebas começou a ter importancia crescente até a xi dynastia, em que os seus principes (*nomes*) passaram a ser reis de todo o Egypto.

A decadencia de Memphis começou então e foi ella tão completa, que, tendo sido pelo menos tão grande como Thebas, d'ella hoje nada existe, a não ser o colosso deitado de Ramsés II e alguns pedaços d'alicerces dos grandes templos, edificios e muralhas, que as cheias do Nilo vão derruindo todos os annos.

Póde-se em boa razão dizer como Virgilio: *Campus amplus ubi Memphis fuit.*

Emquanto que de Thebas os monumentos ainda chamam milhares d'extrangeiros a contemplal-os, desde a deminação romana.

Thebas foi tão grande, que Homero canta as suas bellezas na *Iliada*; e Herodoto, que viveo de 480 a 425 annos antes de J. C. e que, segundo parece, visitou o Egypto até Elephantina, para descrever as guerras dos gregos com Cyro, Cambyses, Dario e Xerxes, e as successivas invasões destes no Egypto, eguaes narrativas reproduz.

Não obstante as descripções de Diodoro, no anno 57 antes de J. C. e de Strabão 24 annos antes da nossa era, já lastimam a sua decadencia, sobretudo o ultimo, que ás delapidações de Cambyses e successores junta a derruição de edificios grandiosos, destruidos pelo grande terremoto do anno 27 antes de J. C. Suetonio isso confirma no II seculo da nossa era, quando Adriano lá foi com a corte romana.

Foi um abalo giratorio d'orienté para o occidente, semelhante nos effeitos a um cyclone, que desenraiza tudo. Veremos os seus manifestos destroços em Karnak.

Passemos, porém, á descripção dos monumentos como elles existem hoje, e dos trabalhos que se executam para a sua conservação.

Luksor

Quer se chegue pela via fluvial, quer pelo caminho de ferro, encontram-se meios de transporte, relativamente baratos, em carruagem e principalmente em burros, que estão na respectiva estação com os seus conductores, como indica a fig. XXXI, e com as suas respectivas tarifas impressas em francez e inglez.

De sorte que não é raro ver uma pequena *Miss* passar em revista

carruagens e burros, cocheiros e burriqueiros, que tudo está perfilado e silencioso, debaixo dos olhos vigilantes da policia, educada e fardada á inglaterra, escolher e saltar para cima do animal ou para dentro da carruagem e partir á desfilada.

Cito-lhes esta minucia, por que julgo ser uma amostra d'esthetica social, que infelizmente nós perdemos em Cintra, Cascaes, Cacilhas e Setubal.

Junto ao caes do Nilo, onde estão os ancoradouros dos vapores das grandes empresas de navegação fluvial e pequenos barcos de vela e de passagem, existem as ruinas do grande templo de Luksor, cuja planta é representada na fig. XXXII.

Não são iguaes as plantas publicadas deste templo entre si e com a da commissão franceza, pois só depois dos grandes trabalhos de desentulho executados pelo Sr. Masperó, é que se conseguiu tirar casas e habitações confortaveis de nacionaes e estrangeiros, restos das egrejas christãs coptes e muitas choupanas de fellahs, ali existentes; mas ainda não se conseguiu tudo, pois a mesquita construida junto ao grande pylone do norte, ainda não foi possivel desapparecer e mudar-se o culto para a nova, expressamente construida para a substituir.

Não poderei dar largas explicações sobre as photographias aqui presentes, mas descreverei o que mais me impressionou.

Entre nas ruinas pela parte S.O. que encosta ao caes, e está desmoronada, de sorte que achei-me na sala *sanctus sanctorum* do templo primitivo, que data provavelmente de algum dos reis da XVII dynastia, pois os hieroglyphos estavam martelados e substituidos por outros do tempo das duas dynastias seguintes. A fig. XXXIII é a vista tirada do caes.

As salas S, V, X, da planta parecem ser da mesma epoca; todas sustentadas por columnas papyrifomes fasciculadas, com figuras de desenho muito parecido.

Passa-se depois para uma capella rectangular G, chamada o *sanctuario de Alexandre o Grande*, onde anteriormente esteve o *sanctus sanctorum* do templo d'Amenophis III, que o dedicou a Amon, grande deos de Thebas. O grande Ptolomeo pôz lá a barca sagrada (*nãos*) do deos egypcio.

O tecto tem ainda a pintura bem conservada em azul celeste com estrellas, que se vêem pelas paredes lateraes, e no centro abutres com as grandes azas abertas e polychromes. D'ali vae-se á salla da *Natividade*, pois é dedicada a celebrar o nascimento do mesmo rei Ameno-

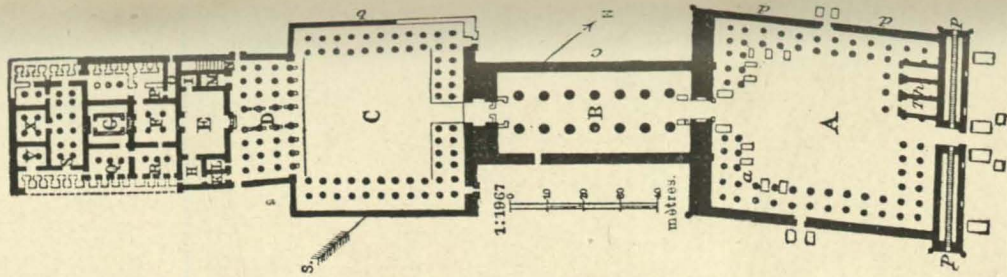


Fig.^a XXXII—Planta geral do grande templo d'Amon em Luksor

BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI, N.º 6—PAG. 364



Fig.^a XXXI—Burracos com os conductores em estação d'aluguer

BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI, N.º 6—PAG. 363



Fig.^a XXXIII—Vista das columnatas do templo de Luksor tirada do caes do Nilo

BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI, N.º 6—PAG. 364



Fig.ª XXXIV (a)—Vista exterior do pylone do templo de Luksor

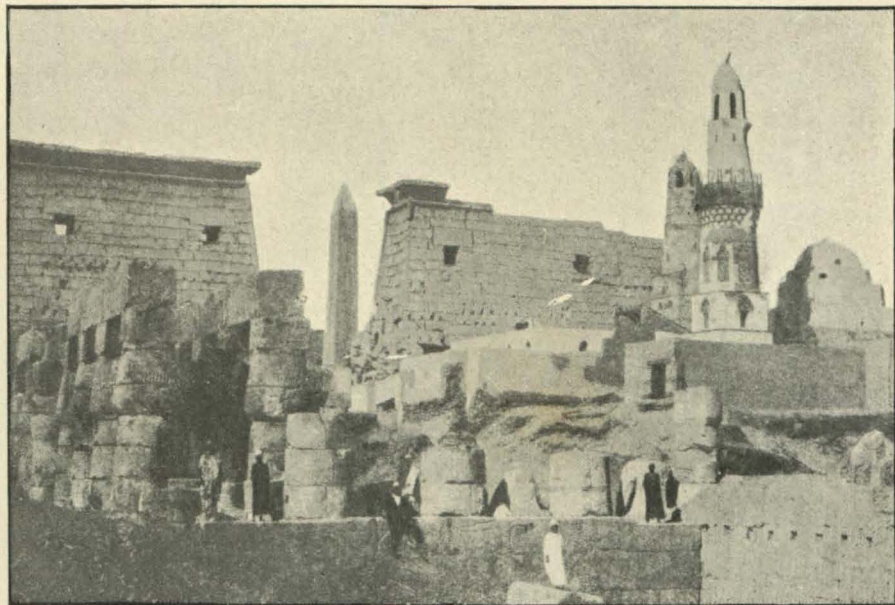


Fig.ª XXXIV — Vista das columnatas do portico, tendo superiormente a Mesquita do lado Leste, em Luksor



Fig.ª XXXIII (a)—Columnatas do grande templo de Luksor vistas do angulo S. E. do hypostylo para o lado do Sul

phis III. São notáveis os baixos relevos, em que se destaca a figura de Met-em-ua sua mãe, cujo estado interessante se reconhece claramente pelas pregas da roupagem. Ella concebe do deos Amon, depois de ter o deos Khnum feito ao *torno de louceiro* duas figuras iguaes; uma do filho, outra do *duplicado* (seu genio protector); e a deusa Thoüt vem annunciar-lhe que ha de ter um filho. Toda esta historia é contada em tres registros, inferior, central e superior, com algumas figuras d'um desenho irreprehensivel.

Ao lado está a sala F tendo 4 columnas a sustentar o tecto e, mais abaixo alguns degráos, a sala E que foi transformada pelos coptes em capella ou egreja christãa, dando-lhe ao centro a apparencia d'abside, como os templos bysantinos ou romanicos.

O grande vestibulo ou *pronáos* era sustentado por 32 columnas papyrifomes d'um grande *galbo*, tendo as 8 ultimas, para o lado da praça da columnata aberta (C), encostados os embasamentos apenas das estatuas colossaes do rei sentado.

A columnata aberta vem até ao espesso pylone que fica sobre a parte central d'um hypostylo com 14 columnas campaniformes de 16 metros d'altura tendo abbacos muito altos sobre que assentam architraves bastante fortes, tudo sobre o mesmo eixo do templo (B).

As columnas foram todas postas no seu logar por Amenophis III, mas as architraves e a cobertura foram feitas pelos seus successores.

A fig. xxxiii (a) dá uma ideia nitida da vista para o S. de todas estas columnatas em planos diferentes até ao Nilo, que se divisa ao longe. A photographia foi tirada ás 9 horas da manhã para as sombras determinarem melhor os planos; mas depois das 3 horas da tarde, quando o sol se espelha na superficie das aguas com as côres vermelhas e alaranjadas, o espectaculo torna-se devéras grandioso, que ninguem se cança de admirar muitas vezes.

A fig. xxxiv dá a impressão da praça (A) rodeada de columnas em duas linhas, que foram levantadas por Ramsés II, e que se acham em completa degradação; como se vê da estampa. Sobre as columnas do angulo N.E. dessa praça está construida a mesquita com o seu minarete a que já nos referimos, e que é de esperar um dia desappareça. O eixo da praça (A) é divergente do templo para fundar o grande pylone PP. A fig. xxxiv (a) mostra comtudo um assentamento lateral.

No desenho vê-se o pylone e pela portada o obelisco desapparelhado do que orna actualmente a praça da *Concordia* em, Paris. Este

é maior e pesará umas 225 tonelladas. Dos embasamentos para receberem as estatuas do grande rei, existem ainda 20, mas só está intacta a marcada na planta com a letra *a*. O colosso vê-se na figura XXXV.

Posso asseverar-lhes que occupei a situação em que está o fellah da figura, e que encostado á estatua só pude chegar á sua mão, estendendo o braço quanto pude e levantando na minha um lapis.

A figura do rei é sorridente como lhes dice das d'Abu-Simbel e a estatua é de granito ou antes de porphyro verde.

Tudo é grandioso e harmonico neste edificio que tem 260 metros de comprimento. Defronte do pylone fica-se boquiaberto para as suas ranhuras, onde se encaixavam os páos das bandeiras por occasião das festas; para os colossos do rei, mutilados quasi todos; para o embasamento do obelisco mais pequeno, que em barco chato foi rio abaixo para se embarcar em Alexandria para Paris, e para o actual com 25 metros d'altura.

A figura XXXVI representa um pylone embandeirado.

Mas não é só isso; a vista que se disfructa sobre a margem esquerda, a antiga Memnonia, não se esquece mais. De distancia a distancia vêem-se para o norte pela larga rua dos bazares as bases em que estavam collocadas as *sphinges* que faziam bordadura á estrada que levava a

Karnak

Vejam por estas gravuras que grande extensão orlada de figuras, umas com cabeça de mulher, outras de carneiro, outras de leão! A avenida não era de largura uniforme, mas na media seria de 30 metros; é provavel que tivesse piso de lagedo, e agora é de terra vasosa, que faz uma finissima poeira preta, que penetra por toda a parte.

A extensão a percorrer pouco mais é que tres kilometros até ao primeiro templo de Konsu.

Chegado ali fica-se surprehendido pela imponencia das ruinas, e a vastidão da área, que era destinada aos templos, como se vê da estampa XXXVII. A extensão do N. ao S. era de 1.500 metros e a largura de E. a O. seria de 560 metros, que é o comprimento do grande templo, sem contar o que vae até ao nilometro que fazia parte do Sanctuario de Amon.

Sinto-me embaraçado para lhes descrever estes templos e seria longo o fazel-o, para todos ainda que de leve.

Como dissemos, o primeiro que se encontra é o de Konsu, bastante



Fig.^a XXXV — Único colosso intacto de Ramsés II, existente entre as columnas do portico do templo de Luksor
(Vide a na planta fig.^a XXXII)

BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL. T. XI, N.º 6 — PAG. 366



Fig. XXXVI (a) — Vista da avenida oriental das sphinges (à direita) tendo ao fundo a porta de Philadelpho e o pylone do templo de Mut (Karnak)

BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI, N.º 6 — PAG. 367

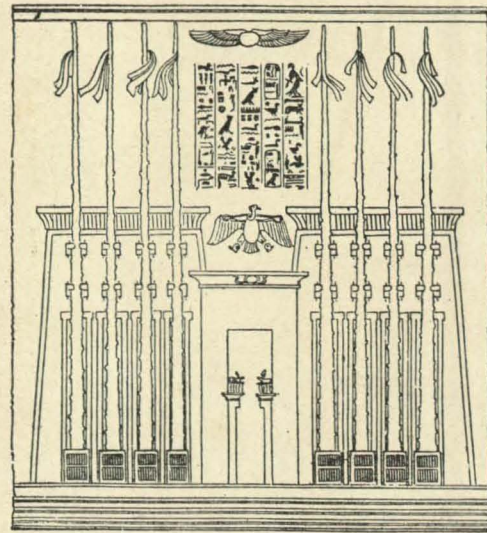


Fig. XXXVI — Reconstituição d'um pylone embandeirado, segundo o registo do atrio do templo de Konsu (Karnak)

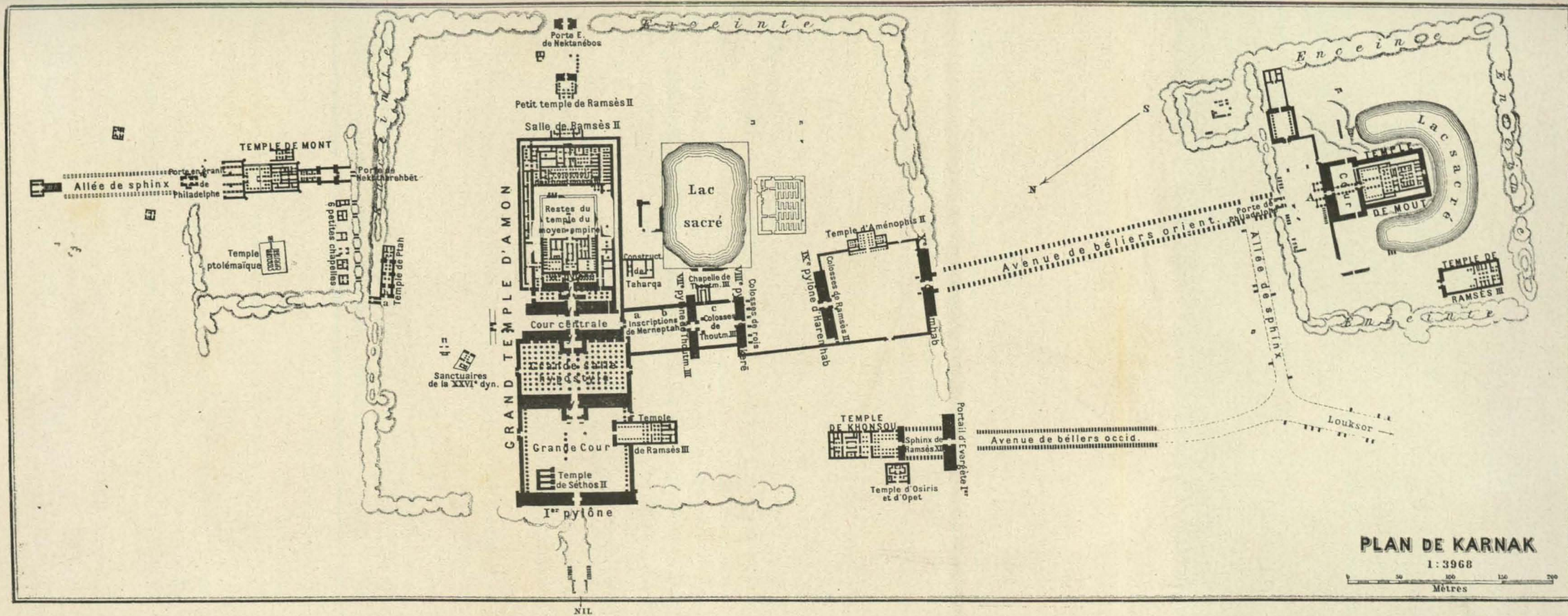


Fig.^a XXXVII—Planta geral de Karnak com os grandes templos d'Amon, de Mut (sua mulher), de Konsu (seu filho); e o de Mont, Ptah e tantos outros existentes neste enorme recinto
 BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI, N.º 6—PAG. 366

bem conservado e que pôde dizer-se o typo do templo egypcio durante o novo imperio.

O pylone que tem 32 metros de comprido por 18 d'alto e 10 de largo está bem conservado e com as ranhuras muito visiveis.

Antes do pylone, porém, quando se segue pela avenida occidental dos carneiros, que nos olham com toda a magestade, tendo entre as mãos uma figurinha de Amenophis, encontra-se um *portal* que foi construido por Evergete I; em seguida continua a avenida dos carneiros, tendo entre as patas dianteiras uma figurinha de Ramsés XII, que foi um dos collaboradores, sendo Ramsés III o primeiro constructor deste templo.

Dedicou-o a Konsu (com cabeça de milhafre) filho. d'Amon (com cabeça de carneiro) e de Mut (cabeça de deusa), que constituem a triade thebaica; como Osiris, Isis e Horus formam a triade egypcia.

Entrando a portada do pylone, que é d'uma grande belleza de fórmas, encontra-se um atrio com portico de 2 fiadas de columnas que formavam passeio coberto para chegar ao hypostylo.

No muro do lado oriental encontra-se um baixo relevo, representando Hathor a queimar incenso diante d'aquelles deuses e ao lado outro painel, representando o pylone com os mastros embandeirados (vide fig. XXXVI).

Na sala hypostylo encontram-se baixos relevos dos Ramsés IV e XII, e em varios sitios Augusto Cezar em presença dos deuses de Thebas.

Subindo por uma escada junto ao corredor E. do *sanctus sanctorum* chega-se ao terrasso do templo, donde se disfructa uma vista extraordinaria sobre as ruinas de Karnak; destacando-se á direita os obeliscos do templo d'Amon (fig. XXXVIII a). Pela planta XXX vê-se que as palmeiras hão de impedir a vista para o lado da avenida oriental das sphinges, assim como para o templo de Mut (fig. XXXVI a) mas vêem-se de cima as choupanas dos fellahs, que ao pé constituem verdadeiros logarejos com os seus terraços de adobos do Nilo.

Muito proximo vê-se o pequeno templo de *Osiris* e de sua mãe *Opet*. Foi construido por Evergete II e está em bom estado de conservação.

Vê-se um relevo com o rei em presença da «grande *Opet*» grávida, a deusa com cabeça de hypopotamo.

Sahindo das ultimas casotas do logar e caminhando para o N. depara-se com uma avenida de sphinges e uma portada que dista, em aguas baixas, 200 metros do Nilo.

Olhando então para E. depara-se com a construcção mais gigantesca que imaginar se possa.

Para lhes dar ideia da impressão que causa o 1.º pylone do grande templo d'Amon em Karnak, imaginemo-nos junto á estatua do Rei D. José I no Terreiro do Paço, olhando para o Arco da rua Augusta.

O espaço entre a rua do Ouro e a rua da Prata corresponde ao pylone que tem 120 metros de comprimento, depois de desaterrado.

O Ministerio da Justiça e o Supremo Tribunal de Justiça são as duas torres, sendo necessario para isso triplicar-lhes a altura, pois em Karnak cada torre tem 44 metros de altura. O arco da rua Augusta seria o *portal* devéras gigantesco, pois lá tem 26 metros d'altura desde a cornija da verga até ao solo.

Ja vêem que o genio e o grupo allegorico superior ficavam mergulhados no meio das torres lateraes. Pois em todo este conjuncto gigantesco ha uma harmonia severa, que não o torna pesado, antes lhe diminue a grandeza, apezar do effeito ser empolgante.

Os oito profundos encaixes na face do pylone com as janellas, que na mesma linha vertical o atravessam de lado a lado, chamam a attenção e lembrando-nos do baixo relevo, encontrado no templo de Konsu, já citado do pylone embandeirado (fig. XXXVI) vemos logo que dimensões seria necessario dar aos mastros, para excederem o pylone, 55 metros pelo menos; quer dizer a extensão da rua do Ouro á rua Augusta para comprimento do madeiro. Depois que braçadeiras a passarem pelas janellas e que pannos de bandeira!

Eis, meus senhores, uma materialisação da imagem da fachada do edificio deante do qual nos achamos. Para vos mostrar a sua extensão dir-vos-hei apenas que terminaria no theatro de D. Maria.

Esta enorme fabrica, porém, não é obra d'um só rei, nem d'uma dynastia, mas de 2 imperios egypcios e de 18 dynastias, que comprehendem 2650 annos, segundo a chronologia de Mariette-bey, cuja descripção vamos seguir mui summariamente.

Ao que parece, foi Usertesen I o segundo rei da XII dynastia, medio imperio, quem primeiro construiu, pelo anno 3.000 A. C., um templo consagrado a Amon de Thebas, a 360 metros do local do pylone, e assim se conservou o templo, venerado durante 1.300 annos proximamente, incluindo os Hyksos, quando foi o advento do grande rei Thutmés ou Thutmosis I, XVIII dynastia.

Antes de sua morte ficou regente sua filha Makeré ou Hatasu que

continuou os trabalhos durante a vida de Thutmosis II, que era o successor como varão.

Por morte deste succedeu-lhe seu irmão Thutmosis III, mas a irmã foi sempre regente até uma idade avançada. Os dois irmãos desaviam-se e o verdadeiro rei continuou os trabalhos ainda com maior entusiasmo, e assim continuaram os Thutmosis e Amenophis desta grande dynastia, que faz parte do novo imperio com a precedente, continuando este com a longa serie dos *Ramsidas* até a XXI dynastia, o que comprehende os annos de 1.600 a 950 antes de Christo. E sempre os trabalhos a fazerem-se com grande desenvolvimento.

Começa depois o periodo saíta e ainda os seus reis trabalham em Karnak. Entre elles o *Sésac* citado na *Biblia* como o devastador de Jerusalem e do templo de Salomão, e o *Taharqa*, tambem citado na *Biblia*, como o protector dos povos da Palestina contra os Assyrios, que por fim o venceram e desthronaram. Este periodo comprehende 5 dynastias e 400 annos. Por fim vem o periodo dos reis estrangeiros entre os quaes sete reis persas desde Cambyses a Artaxerxes III, que combatendo já com os gregos e com os reis egypciios das 4 ultimas dynastias se viram obrigados a deixar o Egypto. Pois ainda assim o ultimo rei, Nektanebos II, antes de se refugiar na ilha de Philéa, como vimos, fez a porta E. do muro que circumdava o templo, em que tinham trabalhado todos os seus predecessores, á excepção dos persas; e todos os Ptolomeos os continuaram, até á sua expulsão pelos romanos, dos quaes só existem alguns vestigios de baixos relevos do tempo de Augusto Cesar, o que coincide com a era christã.

Quer dizer, nos templos de Karnak ou dos deuses de Thebas, duraram os trabalhos 3.000 annos!

Desculpem-me este resumo de historia, mas era indispensavel para intelligencia do que vamos descrever.

Sem tempo nada se faz e tantos trabalhos precisavam de muito tempo e dinheiro, que proveio principalmente dos despojos das victorias sobre o estrangeiro desde a XVII á XXVI dynastia, periodo que comprehende mais de 1.000 annos.—

Como lhes disse, tinha uma carta d'apresentação para o sr. engenheiro Legran, director dos trabalhos de Karnak, mas antes de o procurar quiz divagar por meio d'aquellas gigantescas construcções.

Fui com o guia até á porta O. do templo onde a avenida dos carneiros mandada fazer pelo grande Ramsés II, está para o lado do

Nilo, que dista uns 200 metros, como se vê da planta xxx, havendo antes o canal de Karnak, que desde tempos immemoriaes serve para as irrigações e tambem para a navegação de barquinhos. Antigamente passava pelo meio da cidade, e hoje deixa do lado de O. a parte mais importante de Karnak, formada por choupanas com terraços superiores, mas algumas têm certa importancia e estão rodeadas de hortas muito bem tratadas, com toda a especie de legumes.

A avenida dos carneiros—sphinges era destinada ás procissões, que levavam o andor (*nóos*) de Amon até á margem do Nilo, que era limitado por um cáes marginal, que vinha desde a parte montante de Luksor até a jusante de Karnak.

O muro do cáes era bastante alto para defender a cidade das inundações que hoje chegam ao interior do templo e damnificam a construção. Regressando para E., subjugava-me sempre a enormidade do 1.º pylone construido pela serie dos Ptolomeos, que reinaram no Egypto durante 300 annos, e que não tiveram tempo para o ornamentar de hieroglyphos, o que se fazia sempre depois das faças da obra estarem perfeitamente lisas, como já temos visto.

Chegado junto ao portal, deparei á direita com a grande inscripção da commissão franceza de 1798, dando as latitudes e longitudes dos principaes templos da epoca pharaonica, e mais ao lado outra inscripção feita em 1841 por sabios italianos, que dá a declinação magnetica (10° 56'). Vinte e cinco metros de portal e entra-se na grande praça de 84 metros de profundidade por 103 metros de largo, rodeada de columnas que formaram portico, e hoje estão derruidas.

Á esquerda da entrada está o templo ou antes 3 capellas dedicadas por Sethos II á triade thebaica: Amon, Mut e Konsu.

No meio vêem-se as bases de 10 columnas que formariam uma nave para proteger o templo edificado por Taharqa e provavelmente dedicado a Amon, cujos alicerces emergem do solo por partes.

Mais adiante, á direita, encontra-se um templo dos mais bem conservados e completos do Egypto, construido por Ramsés III.

Seguindo caminho, admiram-se as estatuas de Ramsés II postadas de guarda á entrada do vestibulo do II.º pylone de Ramsés I que foi em grande parte desfeito pelo terremoto do anno 27 antes da era christan.

Transposta a grande portada, de que existem partes das hobreiras, encontra-se o visitante n'um *bosque de 134 columnas*, as quaes em parte estão caídas, assim como os tectos.

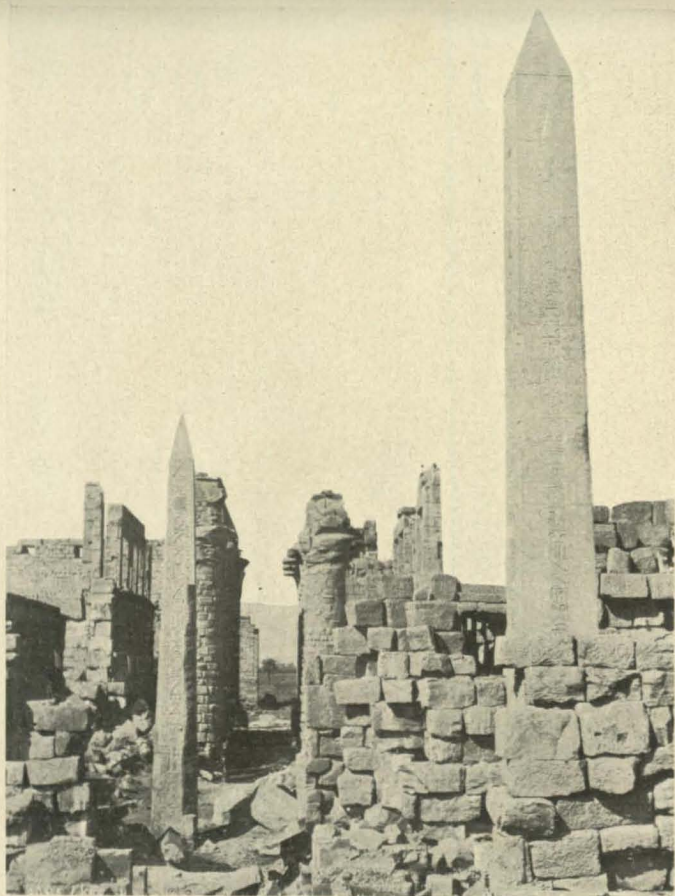


Fig.º XXXVIII—Vista das ruínas de grande templo de Karnak
pelo eixo do hypostylo
BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL. T. XI, N.º 6—PAG. 371



Fig. XXXVIII (a)—Obeliscos vistos do sul espelhando-se
no lago sagrado
BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL. T. XI, N.º 6—PAG. 367

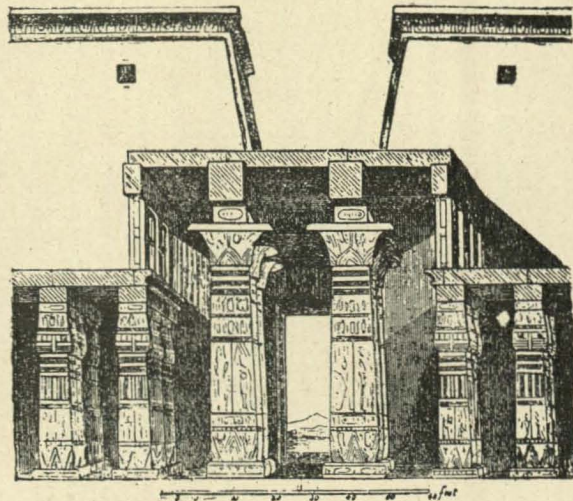


Fig.º XXXIX—Reconstituição do hypostilo do grande templo
d'Amon, em Karnak, segundo Maspero
BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL. T. XI, N.º 6—PAG. 371

Não sei porque me veio á imaginação a vista que na Siberia faziam os troncos das *betulas albas* illuminadas aqui e ali pelos raios do sol claro, que passava pelas clareiras.

Muitos comparam a impressão que se sente á da entrada na cathedral de Cordova, a antiga mesquita; a differença é, porem, grande pelas massas das columnas.

As de Hespanha, são quasi gracis, com os arcos rendilhados, emquanto que em Karnak as columnas centraes têm 23 metros d'alto e de circumferencia 10 metros, e as lateraes 17 metros d'altura.

Os generos e a escalla são completamente differentes.

Podem ajuisar do effeito por esta gravura do corte reconstituído por Masperó (*Archeologie égyptiène*). Notem, porem, que de cada lado da parte central ha sete intercolumnios, ou naves, de que no desenho apenas estão representados parte de dois (fig.^a XXXIX).

O guia chamou-me a attenção para a *columna inclinada* de que tinha ouvido fallar por toda a parte em Paris, em Roma, no Cairo e que via diante de mim.

Depois apontou-me a claraboia ou uma das frestas (persianas) de pedra, destinadas a allumiar aquelle grande espaço, das quaes existe uma quasi completa no lado S.

A impressão, porem, ainda dominava, e era impossivel discernir, como diz Lépsius, ao descrevel-a.

O guia queria levar-me para o lado do Norte, mas fiz um esforço e dissé-lhe que prosequissemos no eixo do templo.

O tecto do hypostylo desapareceu quasi completamente; mas os capiteis das columnas são bastante largos para projectar grandes sombras.

Ao chegar ao fim tinha feito a minha escolha de photographias. (1)

Passei o III.^o pylone de Amenophis III e estava no atrio central, em frente d'um dos obeliscos de Thutmosis I; o outro cahio no meiado do seculo XVIII.

Já o conhecia da vista do terraço do templo de Konsu, e o grande da rainha Makeré ou Hatasu impunha-se mais. Para os comparar subi aos escombros do IV.^o pylone de Thutmosis I, que os separa. Ambos de syenite; a lasca que um raio tirou ao primeiro desfeia-o bastante. A fig.^a XXXVIII é sobre o eixo do templo; a fig.^a XXXVIII (a) é do lado sul.

O grande obelisco de Makeré, que tem ainda o *pyramidion* dou-

(1) E' com ellas que se fazem grandes viagens no quarto, sentado á meza.

rado está entre os IV e V pylones construídos ambos por seu pae Thutmosis I, que serviram para se poder levantar comapparehos tão rudimentares, como os daquelle tempo, um peso de 400 tonelladas! Ella, porem, fez mais: para que entrassem os obeliscos deitou a terra as 8 columnas e o muro do lado do sul do entre-pylone e depois fez-lhes embasamentos em que esta heroína conta parte das suas proezas, cujo longinquo atavismo se manifestou não ha muito na celebre Catharina II da Russia. A seu tempo daremos sobre ella informações mais circumstanciadas.

D'aquelle ponto de vista a perspectiva do hypostylo era imponente, e o I.º pylone parecia estar-lhe encostado apezar de distar 250 metros.

Thutmosis III seu irmão mais novo, não respeitou os seus hieroglyphos, e na segunda sala hypostylo escreve a sua historia em paineis d'um alto valor historico. São conhecidos em archeologia pelo nome de quadros ou *Annaes* de Thutmosis ou de Thutmés. Mariette diz que são inestimaveis, e uma das preciosidades d'archeologia; conta-se ali a campanha que Thutmosis fez na Palestina, na parte N. do VI pylone com todos os nomes biblicos, e na parte sul a campanha na Abyssinia, no paiz dos Somalis e na Libya ethiopica.

Passado o VI pylone que é o mais pequeno do templo, entra-se n'um recinto onde estão dois pilares de granito, que parecem a parte inferior d'obeliscos, tendo o do S. uma grande flor de lyz, planta heraldica do alto Egypto; e a do N. um papyro, symbolo do baixo Egypto.

Este atrio dá entrada para uma capella chamada, mas impropriamente, o *Sanctus sanctorum* do templo; e talvez fosse construída com esse fim por Phillipe, irmão d'Alexandre, que a reconstruiu completamente, toda de granito. Em torno estão os chamados quartos da rainha Makeré, cujos hieroglyphos foram todos martelados e os distinctivos (*cartouches*) substituídos pelos dos Thutmosis II e III. E' certo porém que aquella rainha fez muitos trabalhos neste templo.

Continuando o nosso caminho, chegamos a um largo, onde se vêem os restos manifestos do templo do medio imperio, começado por User-tesen I.

No fundo ha uma massa d'edificios ainda consideravel, entrando-se por uma porta central, que leva a uma sala hypostylo ou de *passerius* com 5 galerias cobertas em parte por um tecto supportado por 2 fiadas de columnas centraes e 2 lateraes de pilares.

Têm uma disposição curiosa os capiteis das columnas, que são campanulas invertidas e os foliolos, que as ornã, voltados para baixo.

Desta sala passa-se ao *Sanctus sanctorum*, construído por Thutmosis, e nas salas lateraes N., sustentadas por columnas ainda bem conservadas estão as reproduções das plantas, indígenas dos paizes conquistados, que elle introduzio no Egypto e por isso se lhe chama o *Jardim d'acclimação de Thutmosis*.

Do lado do sul estão muitas salas pequenas e entre ellas uma denominada *dos antepassados*, onde existia uma *Tabella dos reis de Karnak*, ou lista de todos os reis do Egypto, desde os tempos mais antigos até os da XVIII dynastia. Esta peça foi arrancada em 1843 por Prisse d'Avannes e levada para Paris onde se acha na bibliotheca nacional. Talvez fosse a sua salvação, mas o seu logar era ali, como a celebre lista de Abydos, que juntas confirmam o livro do sacerdote egypcio *Manethon*.

Era áquella sala que cada rei vinha prestar homenagem aos seus predecessores no throno.

Atravessando por um orificio do muro de contorno externo, entra-se nos escombros das salas de Ramsés II. Em frente acha-se o templo pequeno do mesmo rei, especie de capella, que estaria em relação com o pavilhão, acima citado. Mais para E. vê-se uma fiada de sphinges e um pequeno obelisco, e no fundo uma porta muito bem conservada, com 19 metros de altura, construída por Nektanebos na espessura do muro de circumvallação do grande templo. Perto acham-se dois pequenos ediculos ou pavilhões, um com inscrições de Ramsés III e IV e outro com as da Irmã de Sabako e mulher do rei Piankui, e de sua filha a mulher do rei Psammètik 1.º, ambos da XXV dynastia.

Subindo ao muro de tijolos da vasa do Nilo, apreciei a distancia a que este ficava e descobri o sr. Legran, que estava junto á porta N.

Feitos os cumprimentos, fomos ver o templo do Mont entrando pela porta de Nektharehoët, ainda regularmente conservada, emquanto que o templo tem muita cousa mal definida, pois parece invertido, devendo a entrada principal considerar-se do lado da porta do Ptolomeo Philadelpho, e dos obeliscos, existentes ali perto; pequenos mas conservados.

A porta ptolomaica é de grés com polychromia, que a torna interessante e faz-lhe sequencia uma avenida de sphinges, que terminam n'um sanctuario pequeno, existente no alto d'uma escadaria. (fig.^a XXXVII).

Em torno ha differentes ediculos que nessa occasião estavam, por assim dizer, a surgir dos escombros, e que mal se podiam apreciar, a

não ser o templo ptolomaico e as 6 capellas ao sul, cada uma das quaes tem uma portada especial elegante.

Voltando ao recinto do grande templo, examinámos o de Ptah e os sanctuarios da XXVI dynastia, que estavam então na epoca das escavações. Dirigimos-nos ao angulo N. do 1.º pylone ptolomaico para gosar o mais esplendido panorama da Thebaida.

O sr. Legran mostrou-me então os limites provaveis da antiga cidade dos palacios e dos templos, sita na margem direita, e a Memnomia sita na margem esquerda, considerada a necropole e a cidade operaria e proletaria, mas muito povoada.

Olhando para O. viam-se em frente os cerros de calcareo silicioso, onde foram as pedreiras e as entradas dos valles em que estão os tumulos dos reis. Contra o rio, Kurna, templo funerario de Sethos I. Por detraz na collina a antiga cidade de Drah-Abut-Négga que parece ter sido a patria dos primeiros *nomes* de Thebas, e que hoje ainda tem importancia.

Mais para a encosta a celebre construcção de Deir-el-Bahri, mistura de templo e de palacio, residencia favorita da celebre rainha Makeré ou Hatasu, com uma situação e clima excepçionaes, exposta ao sul, em terraços com jardins em torno.

Na planicie os templos funerarios, dos Thutmosis, o Ramesséum, Deir-el-Medinet, Asasif, Medinet-Habu e os colossos de Memnon.

A atmospheria limpida fazia perceber distinctamente estes logares e monumentos e as indicações do meu distincto cicerone mais salientavam as impressões.

Voltando-nos para Karnak, desenhavam-se com clareza na mente as linhas que até ali me pareciam confusas.

Descemos do pylone, entrámos pela porta N. na grande praça e saímos pela porta S. ou dos Bubastitas e as explicações animavam as representações hieroglyphicas das façanhas do Sésac da *Biblia*, existentes no muro ao lado esquerdo d'aquella porta. Jerusalem tomada, Roboan, o filho de Salomão, aprisionado, o templo saqueado, os escudos d'ouro, feitos com o precioso metal trazido pela Rainha de Sabá, entregues como donativos aos sacerdotes d'Amon, e tantas outras confirmações das passagens dos livros dos Reis (t. XIV, 25-26); (II, 12, 29) e outros versiculos onde se enumeram as cidades tomadas, etc.; mais adiante as façanhas de Ramsés II contra os Hethytos, que nós já conhecemos e o poema completo de *Pentaur*, que tambem já vimos em parte no pylone de Luksor; o tratado de paz entre este rei e os Hethytos, etc., etc., e en-



Fig.^a XL—A *columna inclinada* vista do eixo do hypostylo do grande templo de Karnak



Fig.^a XLI—Uma das frestas ou persianas (*Claustra*) vista do eixo do hypostylo do grande templo de Karnak



Ed. Scherren & Cie Zurich

3455 Karnak. La Colonne penchée.

Fig.^a XLII—A segunda da direita é a *colonne penchée*, cujo abbaco se encostou à vizinha e escorregou sobre o capitel (Vide fig.^a XL).

Note-se o tamanho do fellah, homem forte, sentado no meio dos escombros.

BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI, N.º 6—PAG. 375

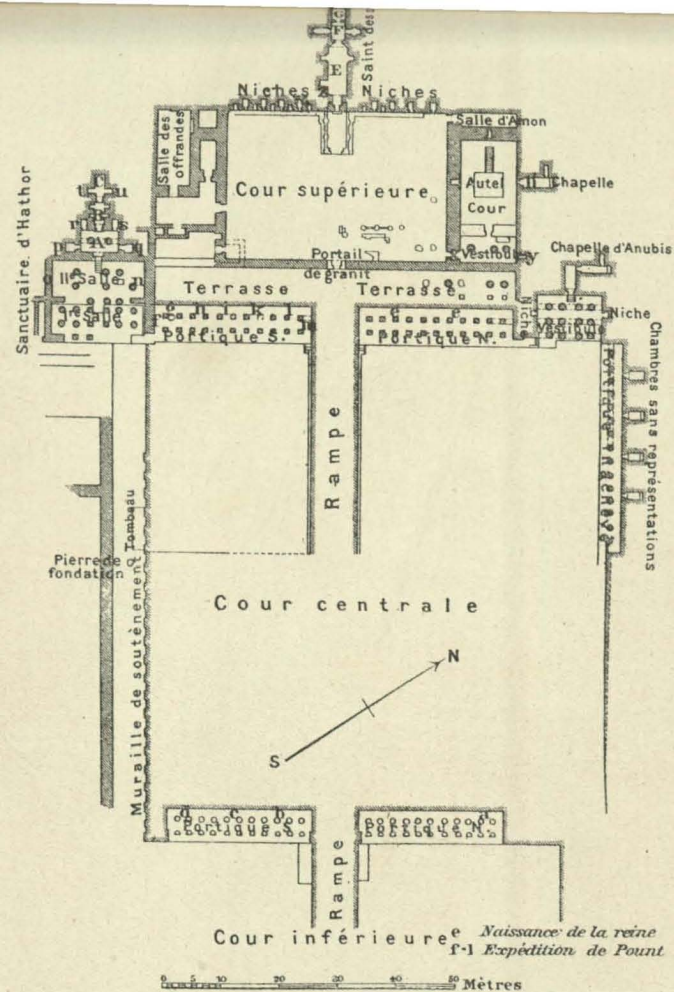


Fig.^a XLIII—Planta dos templos e edificações de Deir-el-Bahri

BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI, N.º 6—PAG. 379

trámos na sala hypostylo pela porta central S. Viam-se as columnatas das naves na sua maxima extensão e com uma prespectiva augmentada pela illuminação brilhante para o norte, enquanto que algumas das do sul estavam obscuras, pois parte do tecto ainda existia.

Uma galeria com 18 columnas d'aquelle tamanho não se encontra facilmente e depois outra e mais outra; o espectáculo era colossal nos 105 metros d'extensão.

Junte-se, que muitas dellas têm conservado as côres primitivas e vivas dos desenhos: os das columnas centraes tomavam proporções grandiosas e eu comecei a ficar debaixo da primeira impressão que senti, desnordeado, sobretudo, quando mudamos de nave e elle me mostrou no fundo *la colonne penchée* (fig.^a XL).

Tornava-se uma obsessão!

Depois quando mal pensava fizemos face ao sul e ouvi: *olhar para cima*; e a luz entrava em jorros pela enorme persianna (claustra) de pedra (fig.^a XLI). Depois, chegados ao pé da columna desaprumada, pude apreciar as dimensões do abbaco e a grande inclinação, que poderia produzir a queda dos differentes anneis, o que seria lastima (fig.^a XLII).

— Amanhã monto a cabrilha, disse-me o Sr. Legran; podeis vir cá?

— Sem duvida, pois não parto no vapor para o sul senão ás 2 horas, depois do lunch.

Mostrou-me o terrado que andava fazendo com desaterros que estava executando nos sanctuarios da XXVI dynastia.

O eirado era coberto com cal em pó, que depois se regava, produzindo um chão firme.

Nelle traçavam-se linhas a preto, equidistantes de mais de 4 metros.

Em cada linha se poriam os anneis correspondentes a cada columna por sua ordem. Eram vinte.

Sobre o eirado havia carris Decauville, sobre que giravam vagonetes que traziam o seu troço de columna por cada vez.

— É longo, mas assim é necessario. O methodo aqui é tudo. Quando tiver todos os pedaços devidamente classificados e restaurados, começo então a montagem. Hei de estudar o que for mais barato. Talvez seja o dos antigos.

Assim me ia explicando o seu trabalho o Sr. Legran.

O methodo dos antigos egypcios está aqui desenhado neste livro do Sr. Choisy.

Ia-se fazendo um aterro cada vez mais alto por fiadas de columnas.

Como todos os aneis são proximamente iguaes, punham-se os 20 da base e depois elevava-se o aterro de 0^m,75, espessura do anel e tornava-se a collocar todos os 20 aneis n.º 2 e assim seguidamente até se chegar ao abbaco, que pesava de 3 a 4 tonelladas. Mas para os aprear era necessario o emprego da cabrilha, o que tinha suas difficuldade e foi isso que fui ver no dia seguinte. Cheguei, já estava tudo prompto, e perguntou-me o que pensava; disse-lhe francamente, pela experiencia que tinha adquirido como engenheiro do material e tracção do Caminho de ferro do Minho, que me parecia ser indispensavel passar uma espia ao estropo do abbaco para evitar, que ao despegar-se não tomasse balanço e deitasse a cabrilha abaixo, para traz.

Era uma operação que levava tempo, e elle disse-me que não se começaria sem isso, e que quando voltasse da minha viagem ao Soldão teria muito prazer em que eu visse a columna classificada sobre o eirado.

De facto assim succedeu: tres semanas depois todos os aneis estavam estendidos no chão por sua ordem e ao lado outros de mais duas ou tres columnas.

Não havia tempo naquella campanha, que dura até abril, para todas as columnas poderem ficar no eirado.

Depois seria necessario concertar cada pedaço e o trabalho será duro até a sua conclusão. (1)

Falamos, no primeiro dia, da collocação e elle explicou que para as primeiras fiadas o eirado quasi que servia tal como estava e que o abrir encaixes para os ferros de luva era arriscado em pedras, que tinham caído e estavam em montão desordenado, não se sabia bem ha quantos seculos algumas, posto que de outras fosse recente a queda, mas bastava o choque para alterar a sua contextura: d'ellas se podia dizer mais appropriadamente que o sol de 40 seculos as tinha visitado sem faltar um dia. E caímos na interpretação dos phenomenos sismicos, por que no

(1) Em 4 de Junho de 1907 escreveu-me o Sr. G. Legran:

«Lembro-me muito bem da vossa visita a Karnak e do vosso conselho para uma manobra difficil, que tenho seguido sempre... Como diz o redactor do *Temps* todo o desastre de 1897 está reparado... N'um anno a parte Norte do hypostylo estará acabada. Depois da vossa passagem recebi a visita de

começo da era christã passou a terra do Egypto; concordámos que foram giratorios. Se fossem oscillatorios os effeitos seriam outros.

Os esboroamentos não iam a grande distancia, e o que estava pór cima, por cima ficou, como succedia com as cornijas dos pylones, que, attenta a sua altura, deviam ir parar muito longe. Demais os obeliscos deveriam ter caído todos e os maiores existiam como os pequenos.

Até ao começo do seculo XVIII parece que todos existiam, como testemunha Precocke (1740); logo, a sua destruição foi devida a effeitos atmosphericos.

Os resultados dos tremores de terra parecem indicar pois que elles foram rotatorios e não oscillatorios, vendo-se nos tumulos-hypogéos os mesmos effeitos.

Chamo novamente a sua attenção para a fig. XLII para compararem o tamanho dos destroços com o homem alentado que está assentado sobre elles. Vi-o, era o continuo-correio do sr. Legran. Continuando a nossa inspecção, mostrou-me junto da porta N. na parte externa do muro do hypostylo os baixos relevos historicos dos feitos de Sethos I (*o Sesostris?*) nas guerras contra os Syrios e Assyrios. Tem um grande vigor d'execução.

Passámos depois pelo atrio central e, saindo pela porta S. de Ramsés IX, encontrámos sobre um muro as inscripções de Merneptah, filho de Ramsés II; em seguida (vide fig. XXXVII) visitámos o VII pylone de Thutmosis III, os colossos de Ramsés, o VIII pylone da rainha Makeré, os colossos de diferentes reis, as construcções de Taharqa ou do Tahraka da *Biblia*, assim como outras ao sul do lago sagrado, onde se fazia a celebre procissão circular das *nãos* dos deuses.

Emfim na capella de Thutmes III fomos encontrar o meu burrico, que por ordem do sr. Legran ali tinham os conductores deixado a esperar-me tranquillamente, e elles desertaram.

Era o costume para os visitantes mais estimados; o animal parece que nos esperava para continuar a visita; já lhe tardavamos.

Emquanto estavamos juntos fomos examinar os hieroglyphos do VIII pylone construido pela rainha Makeré, cujos sinetes ou *cartouches* tinham sido martellados por Thutmés, e talvez por Amenophis IV que teve por

Sua Magestade a Rainha de Portugal com os seus dois Filhos. Sua Magestade dignou-se conceder-me a placa de Commendador de Christo. Não podeis imaginar quanto me envaidece tão grande honra!

Não podia ser melhor empregada.

ella grande raiva, por se dizer descendente do deus Amon, cujo culto tinha renegado para adoptar o do sol, que era o privativo de Heliopolis.

Sethos I (*o Sesostris?*) restabeleceu em parte os relevos, mas muitos dos antigos *cartouches* substituiu-os pelos seus.

O pylone de resto está bastante bem conservado.

Despedimo-nos, desejando tornar a vermo-nos quando os trabalhos estivessem mais avançados e feito o reconhecimento de todos os monumentos ali edificadas. (1)

Montei o animalito e fui examinar o resto dos edificios chamados meridionaes.

O IX pylone de Haremhab está muito deteriorado, só merecem mais attenção os colossos de Ramsés II. O X pylone do mesmo Haremhab está quasi desfeito, á excepção da portada que ainda tem baixos relevos recomendaveis.

Seguindo a avenida oriental dos carneiros-sphinges vae-se até á avenida transversa, que se liga com a de Luksor e a occidental.

O animal tomou para a portada do templo de Mut; apenas o pude suster para olhar para as edificações de Taharqa, que ficam á esquerda.

Deixando-me guiar, fui ter á entrada d'um templo, que mal se reconhece e parece ter sido edificado pelo rei antecedente, dedicado a Osiris-Ptah. Dei volta ao lago sagrado do templo de Mut, que suppõe-se fosse construido pelo rei Amenophis III, pois no grande atrio existem muitas estatuas sentadas com a figura da deusa Sekhnet, tendo uma cabeça de leão, e que foram consagradas por aquelle rei ao templo com o seu carimbo, que em parte foi depois substituido por Sésac I. Mais a O. estão os restos d'um templo de Ramsés III.

As escavações neste recinto tem sido feitas recentemente por Miss Benson. Os pilares, diante da portada (A) da estampa xxxvii, estão cheios de longas inscripções do tempo dos Ptolomeos, que são um hymno á Deosa Mut, e outras de Ramsés III que foi quem restaurou o templo primitivo. (Vide fig.^a xxxvi a). Á direita estão as bases das sphinges.

(1) Na carta de 4 de Junho de 1907, já citada, parece fazer-se allusão a este facto....

«Porque não voltaes ao Egypto?... teria grande prazer de vos mostrar os resultados dos nossos esforços.—Karnak é immenso, maior que Pompeia e Deus sabe se chegarei a conhecer todos os thesouros e mysterios que encerra»....

Para leste deste recinto, nos suburbios de Thebas existiu um templo muito notavel de Médamut, que passou por ser um dos mais bellos e de construcção rica. Hoje jaz em completa ruina.

Deir-el-Bahri

No lado oeste de Thebas ou na margem esquerda do Nilo existiam bairros muito povoados e industriaes, sobretudo no que dizia respeito a enterros. Alem disso havia palacios e templos com jardins de que vamos continuar o estudo de sua conservacção, sem agora nos occuparmos dos templos chamados funerarios.

O mais notavel dos templos-palacios é sem duvida o construido pela rainha Makeré ou Hatasu, desde que começou a ser co-regente com seu pae Thutmosis ou Thutmes I.

N'um local situado a meia encosta, olhando para o Sul e abrigado do norte, já no medio imperio, o rei Mentuhotep da XI dynastia tinha escavado um *spéos*, dedicado á deusa Hathor, que, se era uma deusa da alegria e de prazeres e como tal se venerava em Denderah, tambem era considerada como funeraria e dando bom repouso aos mortos, ou tranquillidade na eternidade, em que os egypcios acreditavam.

O pequeno templo d'Hathor da antiga dynastia foi engrandecido pela rainha Makeré e do outro lado da grande praça central dedicou outro a Anubis, e em atrio ou terraço superior fez ao centro um templo dedicado a Amon de Thebas.

Na planta do templo, representada na fig. XLIII, vê-se claramente esta disposicção, convindo notar que os terraços eram escavados em parte na rocha viva e que as capellas eram todas em *spéos*.

Já dissémos que Makeré foi co-regente do pae, regente durante as menoridades dos dois irmãos e casada com o irmão mais novo, conservando a realeza por muito tempo e demonstrando sempre um caracter varonil. Construiu obras importantes, sobretudo em Karnak, fez as expedições do Punt ou das costas dos Somalis, d'onde trouxe artefactos, arvores e mercadorias de toda a especie.

Muitas vezes fazia-se representar d'homem com farta tanga ou avental e barba na cara, que era o que hoje se chama *pera*, onde muitas vezes se gravava o carimbo real. Ella, porem, não teve nunca intenções de renegar o seu sexo, e por isso já disse que modernamente a grande imperatriz da Russia, Catharina II, a tinha imitado em muitos pontos.

Para ella *Deir-el-Bahri* era o lugar mais esplendido de todos, o seu *Sans souci*, a sua *Alhambra*, a sua *Cintra*.

Para aproveitar e engrandecer a obra de Mentuhotep mandou fazer a grande praça inferior, que era muito comprida e se continuava por uma avenida central com sphinges, que da planicie vinha ter ao pylone inicial do templo ou do edificio.

Uma rampa ligava o piso da praça inferior com o terraço central; contra o resalto deste havia na praça inferior um porticó, dividido em duas partes pela rampa d'acesso ao meio.

Neste portico com duas ordens de columnas de 16 faces, coberto por um tecto, havia na muralha do fundo representadas scenas da vida de Makeré, entre ellas a do transporte dos grandes obeliscos de Karnak em barcos desde as pedreiras de Assuan a Thebas, e a dos sacrificios ao deus Amon ithyphalico.

A praça ou terraço central é sem duvida a mais consideravel, sustentada pelo lado de O. por muros de supporte com pilastras de magnifico calcareo, rematadas umas por uma serpente em pé, outras por um milhafre. Só este muro é um monumento de boa construcção e digno de ser conservado, o que se está fazendo sob as ordens do Sr. Edouard Naville.

Quando lá estive, as partes deterioradas do guarda-corpo eram concertadas por tijolos brancos da vasa do Nilo, rebocados com argamassa fina de cimento com areia, que imitava o calcareo do muro.

Os porticos N. e S. desta praça estavam sendo igualmente reparados pelo mesmo processo e as columnatas produziam bom effeito, não se distinguindo muito as partes que eram de cantaria das reparadas com alvenaria de tijolo.

Os paineis do fundo são de calcareo fino, onde d'um lado estavam as scenas do nascimento da rainha, e do outro as da expedição do Punt.

Chamam a attenção as roupagens da mãe da rainha, Ahmés, levada por Knum criocephalo e Hequet batracheocephalo á presença de Thut ibiocephalo. Estas scenas são em tudo semelhantes ás já descritas, existentes no templo de Luksor.

As representações da expedição ao paiz do Punt (Puenet) assemelham-se ás do Jardim d'acclimação de Thutmosis, mas são muito mais artisticas e delicadas; as arvores do incenso, da canella, da pimenta, etc., as pelles d'animaes selvagens são esculpidas com verdade artistica e fina observação.

No fundo do sanctuario de Hathor, que estava bastante abando-

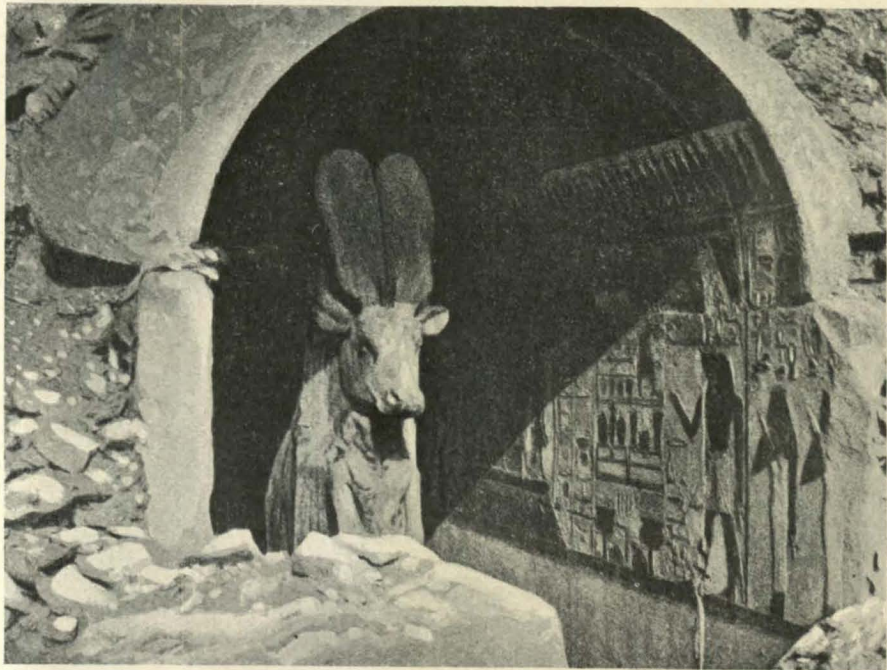


Fig.^a XLIV—Capella da deusa Hathor no seu templo
em Déir-el-Bahri (C da planta)

A vacca tem nas pontas o emblema de deusa do Alto e Baixo Egypto

BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI, N.º 6—PAG. 381



Fig.^a XLV—Os colossos osiricos do Ramesséum com os restos
do hypostylo (à esquerda)

BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI, N.º 6—PAG. 383

nado, descobrio recentemente Naville a capella, no fundo, da deusa em fórma de vacca de tamanho mais que natural, similhando sair da montanha para pastar no meio d'um charco com papyrus. Nos pés direitos e abobada do spéos ha representações d'diversas a côres que se tem reparado.

A fig. XLIV dá perfeita ideia desta scena em que a vacca d'um realismo admiravel e d'uma correcção escultural inexcidivel faz lembrar a celebre poesia de Victor Hugo — *La vache*, — cujo final é d'uma philosophia pantheista que já se sentia, ha 40 seculos! Não resisto a ler alguns destes admiraveis versos:

.....
Une vache etait lá toute à l'heure arrêtée. . . .
Superbe, énorme, rousse et de blanc tachétée,
Douce comme une biche avec ses jeunes faons,
Elle avait sous le ventre un beau groupe d'enfants,

Elle bonne et puissante et de son trésor pleine,

Distraite, regardait vaguement quelque part.

Ainsi nature! abri de toute creature!
O mère universelle! indulgente nature!
Ainsi, tous à la fois, mystiques et charnels,
Nous sommes lá, savants, poètes, péle-mêle,
Pendus de toutes parts à ta forte mamelle!

Nous aspirons à flots ta lumière et ta flamme,
Les feuillages, les monts, les prés verts, le ciel bleu,
Toi, sans te déranger, tu reves à ton Dieu.

Que inspiração não tinha este homem em 1837! Que elevação poetica!

Parece na primeira parte fazer a discripção da nossa Hathor, que tambem tinha sob o ventre o reisinho a aleitar-se, e depois, mais crescido, vê-se na fig.^a *Mentuhotep* debaixo da barbella da vacca para o proteger, olhando ella tranquillamente para o deserto longinquo.

Mais abaixo Victor Hugo dá a interpretação poetica e philoso-

phica do nosso mytho, que para elle é a realidade. Dizer melhor é impossivel!

A mesma ideia foi expressa pelo grande pintor *Roll* no seu quadro — *La maternité*.— No primeiro plano está uma forte camponesa da Bretanha com uma creancinha ao collo, a quem mostra carinhosa uma vacca que amamenta um vitello, o qual lambe.

Todas as figuras se destacam da téla como vivas.

Vejam a maneira forte, poetica e artistica d'exprimir o mesmo pensamento por duas fórmas tão diversas;— a visão e a palavra.— Ver, ouvir e a ambas as percepções preside e assiste a intelligencia!

No templo de Hathor havia muitos altos relevos de Makeré que escaparam aos furores dós Thutmosis e principalmente de Amenophis IV, o apostata, que martelava principalmente o que dizia respeito ao deus Amon. Subindo-se ao terraço superior encontram-se vestigios de columnas, que sem duvida sustentavam um tecto e formavam portico ou galeria com o muro da praça superior, que ao meio tem uma portada de granito. Á direita encontra-se uma passagem para um vestibulo e depois um nicho (y da planta), cujos relevos estão bem conservados, em que se representa a rainha perante Amon, e n'outro Makeré á meza tendo em frente o grande sacerdote Hor-Hermetef, que foi martelado por ordem de Amenophis IV, sendo respeitadas os outros relevos.

O vestibulo leva a um pateo aberto, onde no meio se levanta um altar dedicado ao deus Rê-Hamarkis, deus solar. É o unico *hypéetro* do antigo Egypto, que se tem conservado até hoje.

Neste andar do grande edificio ha muitas salas e construcções que parecem ter servido para a habitação da propria rainha, sobretudo as que estão junto á *sala das offerendas*.

Aos lados contra a montanha ha socalcos que denotam a existencia de antigos jardins e mesmo algumas arvores que têm uma *facies* exotica.

Seria longa a descripção das bellas esculturas do *spéos* d'Amon e dos nichos que ornem o muro do fundo da praça superior. Em quasi todas se respeitou a figura distincta da rainha Makeré.

Ramesséum

Não é só um templo, é ùma serie de construcções que se ligam por columnatas, galerias e pateos.

O templo é a parte central mais importante e liga-se para o S.

MEDINET HABOU
1:2273
0 10 20 30 40 50 60 70 80 90
Mètres

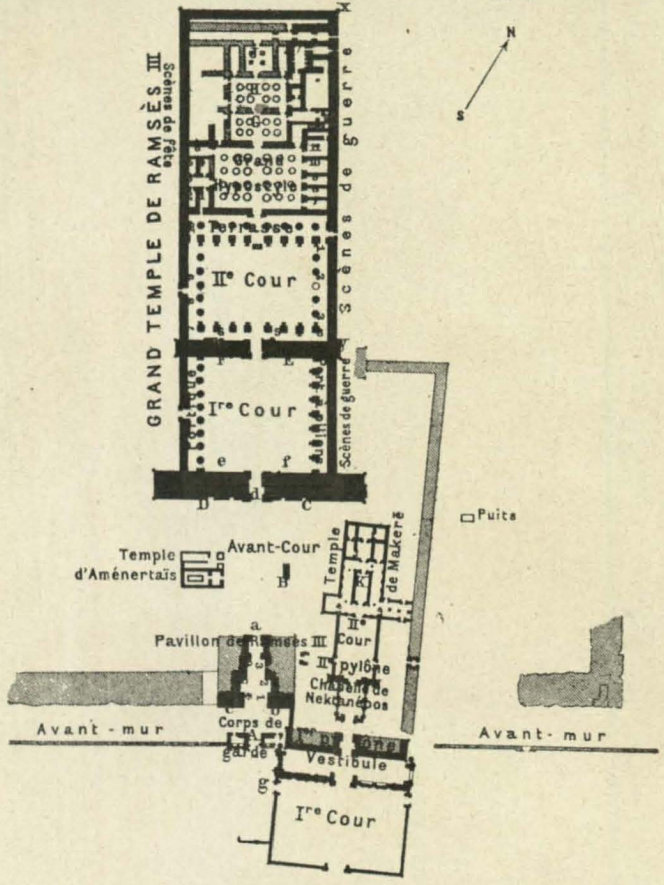


Fig.º XLVI—Planta dos templos de Medinet-Habu
BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI, N.º 6—PAG. 383



Fig.º XLVII—Fachada do templo pequeno de Medinet-Habu
BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI, N.º 6—PAG. 384

com um edificio que parece ter sido um palacio e para o norte existem alvenarias, que parecem as fundações de columnas e muros que vão ligar-se a construcções d'abobadas, que é ainda tradição serem os elleiros do grande José do Egypto; esse secular escarncido que vive atravez dos tempos entre o pobre-povo com a fama de bondoso, casto e honesto, pelos grandes beneficios que lhe fez, armazenando os vive-res nos annos das vaccas gordas, regulando-lhe as colheitas por meio das irrigações com os canaes, como o Fadiliya, que corre proximo (Vide fig.^a xxx) e minorando-lhe sempre a fome.

Por isso a plebe lhe vae em longas peregrinações á aldeia do Hebron visitar o seu tumulo, que é fanaticamente guardado pelos musulmanos.

Conjunctamente estão os seus tres antepassados, Abraham, Isaac e Jacob, que o islamismo considera tambem como seos patriarchas. (1)

Mas voltemos ao templo, cujo pylone muito arruinado tem ainda por dentro os paineis da batalha de Qadech.

No primeiro grande pateo ou praça interna vê-se a base do grande colosso de Ramsés II, que jaz em pedaços sobre o solo: era de porphiro.

O portico ainda tem no lanço de N. E. uma amostra das estatuas osiricas, todas decapitadas. Fig. XLV.

Á esquerda vê-se uma parte do hypostylo, que tem resistido ás inclemencias dos homens e do tempo. Todo o resto está muito derruido.

Medinet-Habu

Emfim na parte mais Oeste da área da antiga Thebas, tambem já contra as primeiras collinas (vide fig.^a xxx) existe um conjuncto d'edificações que datam do tempo de Makeré, de Thutmes II, de Ramsés III e de Amenartaís. Fig. XLVI.

Mariette foi quem primeiro começou as escavações, como tinha feito em Deir-el-Bahri para desembaraçar a área dos templos das ruinas dos mosteiros e egrejas coptes, assim como de todas as casas que ali se tinham construido com as pedras arrancadas aos proprios edificios locaes. Era uma devastação selvagem.

Os templos pequenos foram os primeiros excavados e o seu pylone,

(1) Ver o *Graphic* e a *Illustration* de 28 de dezembro de 1907.

ainda hoje considerado modelo d'architectura egypcia, era separado da primeira praça ou grande pateo por um intercolumnio, de que existem apenas as columnas centraes com capiteis de flores. Fig. XLVII.

Esta disposição vimol-a em escalla pequena nos templos de Dakké, Dandúr e Taffé: é ptolomaica, assim como o I pylone, que foi feito com materiaes roubados ao Ramesséum.

Na planta fig. XLVI vê-se que elle não está acabado. Atraz ha a portada da capella Necktanebos que tinha 10 metros de profundidade e se ligava ao II pylone, construido por Taharqa, que tem inscripções e figuras allusivas ás suas victorias na parte posterior da portada, que dá para o segundo pateo em completa ruina, onde se vêem apenas as hobreiras d'uma porta de granito. Emfim estamos em frente do pequeno templo, parte mais antiga destas edificações. Tinha um portico á frente e em torno da cela; por detraz havia 6 salas onde se vêem figuras de Makeré, vestida de homem, marteladas e substituidas pelas dos tres Thut-més, o pae e os dois irmãos, que muitas vezes andaram desavindos côm ella, mas que ella quasi sempre vencia pela sua elevada intelligencia.

Quando Amenophis IV, o apostata, reinou, mandou martelar novamente tudo, mas Haremhab e Sethos I repararam o que foi possivel. O *Sesostris* teve por ella grande respeito.

Ao lado deste templo para O. está o chamado pavilhão de Ramsés III que parece ter servido d'habitação a este rei, como as sallas posteriores do pequeno templo foram para Makeré.

Na vista lateral (fig. XLVIII) são as ruinas desse pavilhão a parte mais saliente e mostram a sua importancia.

Na parte anterior havia uma casa para a guarda palaciana e posteriormente está o grande templo, dedicado a Amon-Ré-Hamarkis, o deus hieracocephalo e construido por Ramsés III.

O I pylone tem muitas inscripções e relevos que dizem respeito ás guerras com os Libyos. Na parte direita do portal ha uma inscripção em fórmula de porta, onde se encontra um dialogo entre Ptah e o rei, como seu bisavô tinha feito em Abu-Simbel.

Passado o portal entra-se num grande pateo com um portico de pilares á direita e de columnas á esquerda.

Segue-se o II pylone menor que o primeiro, mas interessantissimo pelas inscripções e relevos que se referem aos povos da Syria, talvez a tribu dos Philisteos, que veio atacar o Egypto com outros povos e foi destroçada.

O segundo pateo tem portico em toda a volta e nos muros ha inscripções d'um alto interesse historico. No portico N. e NE. *scenas da grande festa ao deus Min*, emquanto que no portico SE. e S. vêem-se *scenas da festa a Ptah-Sokaris*.

Muitas vezes vê-se o rei sob baldaquino e tendo aos lados 4 porta-flabellos; atraz vem os prisioneiros.

No terraço que termina o segundo pateo ha paineis em que o rei sacrifica perante a barca de Ptah-Sokaris, de Knum criocephalo e de Sokaris-Osiris, a quem apresenta o pão n'um prato.

Aqui repetem-se as representações em relevo da ceifa pelo rei, tendo na mão uma fouce, d'uma paveia de trigo, como no Ramesséum seu bisavô fazia.

O hypostylo está quasi destruido, mas tinha imponencia com os muros muito decorados.

Em torno havia onze quartos que tinham inscripções muito variadas e serviam de *thesouro* do templo.

Ao hypostylo seguiam-se 3 salas com columnas e por detraz, muitos outros compartimentos bastante arruinados, que eram consagrados a Osiris, vendo-se ainda representações dos Campos Elysios egypcios.

Saindo do templo vão-se examinar as scenas de guerra representadas sobre a parte exterior do muro de contorno ao N. emquanto que ao O. são scenas de festas. As figuras são talvez melhores que as de Edfu.

E assim temos terminado a descripção geral dos templos de Thebas.

Foi ella o mais summaria e puz de parte tudo o que se referia aos templos-funerarios que no bairro Memnonia são muitos e de grande importancia para a arte e para a historia.

De volta a Luksor passámos pelos dois colossos de Memnon que guardavam o templo d'Amenophis III, sendo um d'elles a *estatua vocal*.

Ao descer o Nilo depara-se a 16 kilometros com uma cidade original; *Nakâde*, onde em dia de festa se ouvem sinos a tocar, o que não succede desde Assuan.

É quasi exclusivamente habitada por coptes e christãos.

Existem ali quatro egrejas, da Santa Cruz, de S. Miguel, de S. Victor e de S. Jorge, que dizem terem sido construidas pela imperatriz Helena.

Para o nosso estudo esta localidade é notavel por ter sido descoberto, ao pé, em 1897 pelo sr. Morgan o tumulo de Menés, primeiro rei historico do Egypto.

Dendera

Este templo é dedicado á deusa Hathor (Aphrodite), deusa do Amor e da Alegria.

A planta parece-se muito com a de Edfu, mais simples, e tem apenas a particularidade de ter cryptas subterraneas (catacumbas) e na parte correspondente ao primeiro piso, depois do hypostyló ter por cima dois andares, o que lhe tira um pouco a magestade.

De epoca recente, pois foi construido no seculo anterior á era christã sob os ultimos Ptolomeos, um dos quaes foi o XVI, chamado o *Cesarião* por ser filho de Julio Cesar e da celebre Cleopatra.

A sua apresentação aos deuses de Dendera está representada no muro posterior do templo, ao S.

O templo acha-se em bom estado de conservação, e tem junto um outro mais pequeno, que corresponde aos templos da *natividade* da epoca ptolomaica.

Ainda se encontra, não longe, um templo dedicado a Isis, que não está completamente desentulhado.

As escavações foram começadas na campanha de 1897-98 por Flinders Petrie, em todo o recinto dos templos.

O templo da *natividade* era dedicado a Hathor e a Har-sem-teue ou *Ehi*, seu filho e de Horus d'Edfu; foi construido por Augusto e decorado por Trajano e Adriano, enquanto que o grande templo foi por Augusto, Tiberio, Caligula, Claudio e Nero. Aqui é que estava a *sala do Zodiaco*, que actualmente se encontra na Bibliotheca Nacional de Paris.

Abydos

É uma das antigas necropoles do Egypto e della nos occuparemos logo; agora só faremos o estudo do grande templo, construido por Sethos I e Ramsés II (*os Sesostris dos Gregos?*).

Como se vê da fig. XLIX a originalidade deste templo é ser dedicado de principio a 7 deuses, e depois a mais dois, alem do antigo templo da triade egypcia.

A sua forma é a de um L, para evitar o fazer as ultimas cellas em *spéos*, assim como as sallas annexas.

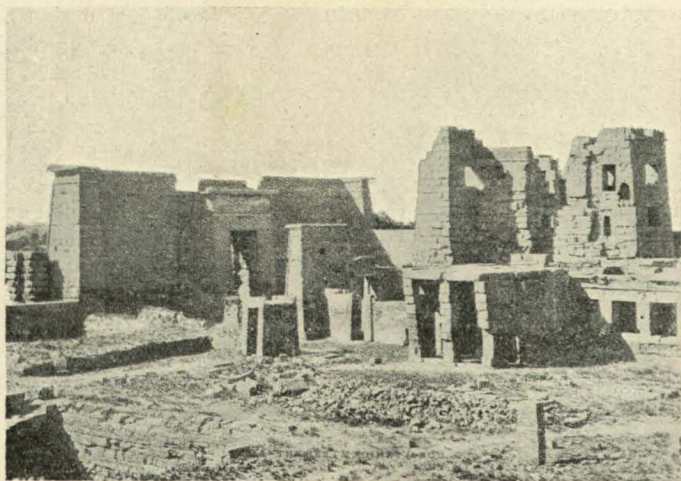
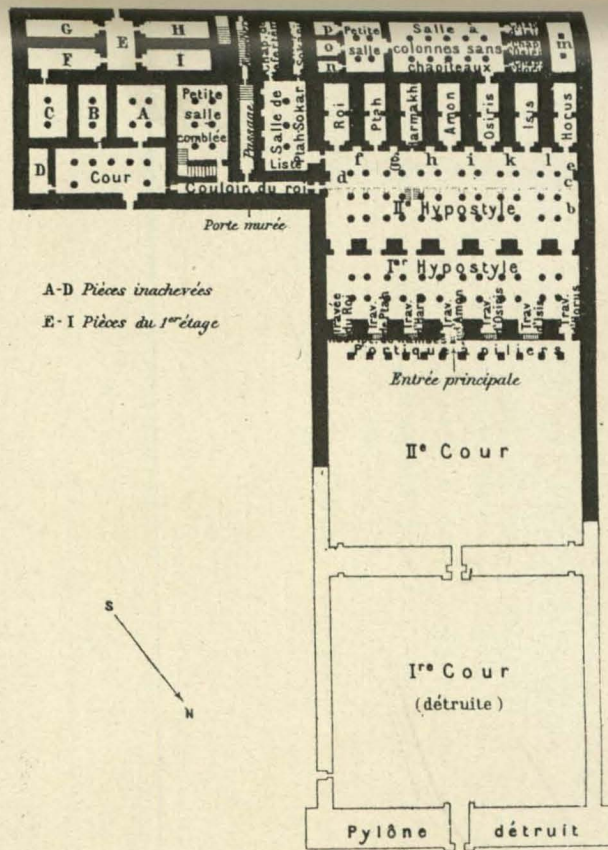


Fig.° XLVIII—Vista do lado de E. das ruínas de Medinet-Habu
 BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI. N.° 6—PAG. 384



TEMPLE DE SÉTHOS I^{er} À ABYDOS

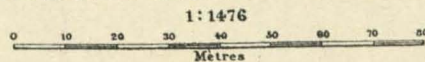


Fig.° XLIX—Planta do grande templo de Séthos I e Ramsés II
 BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI. N.° 6—PAG. 386



Fig.^a L—Intercolumnio do hypostylo do grande templo de Séthos I em Abbydos

BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL. T. XI, N.º 6—PAG. 387

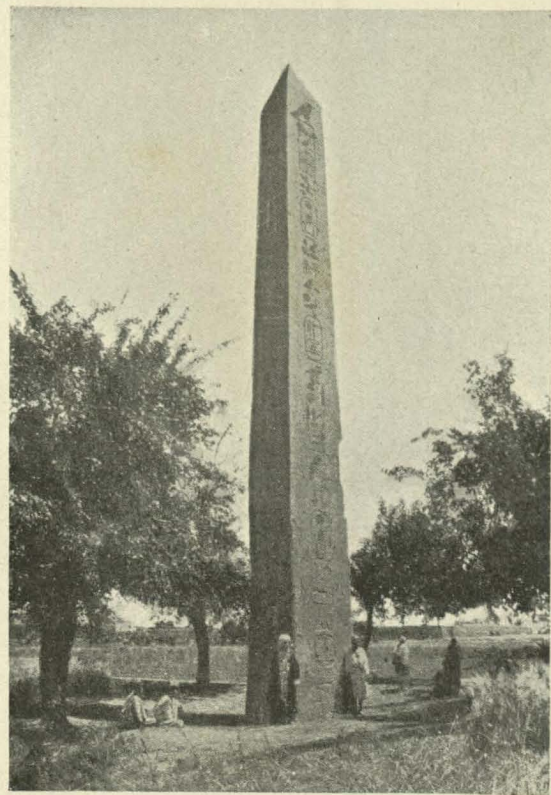


Fig.^a LI—Obelisco de Userthesen I em Heliopolis

BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL. T. XI, N.º 6—PAG. 388

O pyloné está destruído assim como os muros que formavam os adros até a entrada do templo, que se conserva com as 7 portas em face de cada cella.

Por detraz está outro pequeno templo dedicado a Osiris, Isis e Horus, cuja sala pronáo tem as columnas sem capiteis.

Todos os hypostylos tem as columnas papyrifórmes como mostra a fig. L. com capiteis fechados.

As figuras decorativas, que ornám parte dos muros, são do tempo de Séthos I e de grande valor artístico.

O pylone e os dois adros parecem ter sido construídos por Ramsés II, que nas grandes inscrições celebra a sua piedade filial para com seo pae.

Nos muros do segundo adro estavam representados os filhos e filhas de Ramses II, como vimos no templo de Sébuá.

No *corredor do rei* (planta, fig. XLIX) encontra-se do lado direito a celebre lista dos reis egypcios ou *taboa d'Abidos*, que contem 76 reis desde Menés a Séthos.

Ainda não fizeram a esta lista o que aconteceu á de Karnak, como vimos.

Proximos estão representados Séthos com o thuribulo e o príncipe real Ramsés II, recitando hymnos, que lê n'um livro.

Por cima da lista está a seguinte inscrição:

«Que Ptah-Sokaris-Osiris, senhor do tumulo, que habita no templo de Séthos, augmente as offerendas para os reis do Alto e Baixo Egypto...»

Os relevos são d'uma grande correcção e muitos pintados, como se póde ver no desenho d'uma nave do I hypostylo, sobre as columnas que a formam.

A figura (L) representa uma scena muito vulgar nas viagens; a da refeição d'uma caravana das agencias de viagens, no meio da nave, servida por creados egypcios de turbante e cabaia.

O sr. Pierre Loti verbera asperamente na sua prosa scintillante uma tal profanação do logar, um tal desrespeito pelas tradições. Mas que fazer?! O Egypto precisa como Portugal que o estrangeiro visite o seu paiz, e para isso procuram-se todos os attractivos; e um dos maiores para os povos anglo-saxonios são estas exhibições.

Em Philéa havia o Kioske, que infelizmente em pouco tempo deixará de dar guarida aos visitantes para a hora do *lunch*, mesmo com

o reforço que ultimamente se fez ás columnatas, por meio de alvenaria grosseira, assente entre ellas.

Brevemente a inundação será completa.

Obeliscos

Terminado o estudo perfunctorio e incompleto que lhes fiz dos grandes templos, ficaria elle mais deficiente ainda, se não lhes dissesse duas palavras sobre um dos seus ornamentos mais grandiosos, que a civilisação levou a correr mundo para enfeite das grandes cidades:— os obeliscos.

Muitos já encontrámos, mas apresento-lhes ainda este figurado nestes desenhos e photographias. É o de Heliopolis, ali posto por Usertesen I, o rei que construiu o primeiro templo de Karnak, portanto o mais antigo dos obeliscos.

Não é grande, apenas tem 20,27 metros d'altura, quando o de Makeré em Karnak tem 33 metros.

Um grande numero era de granito, mas ha muitos de calcareo silicioso.

A sua fórmula não é a de uma pyramide de faces planas e arestas rectas. As faces, se fossem planas produziriam, á luz do sol, a impressão de concavas; por isso se lhes deu uma leve convexidade, e as suas intersecções dão uma linha curva, que neste desenho (fig.^a LI) se vê claramente, assim como no grande de Karnak (fig.^a XXXVIII.)

Dos principaes obeliscos saídos do Egypto, têm sido o 1.^o para Constantinopla; o 2.^o para Roma, o 3.^o para Paris, o 4.^o para New-York; o 5.^o para Londres.

Viajar com 4:000 annos de idade já é bonito!

Os que foram para New-York e Londres eram de granito d'Asuan, e foram feitos para Heliopolis por Thutmes III, e depois levados para o templo de Cesar em Alexandria por Augusto; por isso se chamaram, desde então, *Cleopatra's Needle*. Para agulhas de senhora eram um pouco pesados. A sua conducção a destino foi accidentada, e fez a reputação de Dikson, o engenheiro constructor das pontes da alfândega de Lisboa.

(Continúa).



Igreja e mosteiro do Carmo, antes do terremoto
(vistos do nascente)

AS RUINAS DO CARMO

(Continuado do n.º antecedente)

*
* *

CAPELLA DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE

Primeiramente intitulada de Nossa Senhora do Pranto.

«Na materia e na proporção é semelhante á da Senhora Sant'Anna, porém nos adornos tem differença e nas riquezas a excede». (1)

Dada pelo fundador ao escrivão da puridade Gil Ayres Moniz, illustre cavalleiro de então.

O arco, de talha dourada (como toda a capella), tinha duas formosas estatuas: as dos santos varões, que desceram Christo da cruz. Nas paredes e por entre as columnas douradas do magnifico retabulo, riquissimos paineis, figurando factos da Paixão. O tecto, forrado de madeira rica, com esplendidas pinturas. O altar, com frontal e banquetta de prata, assentando nesta uma primorosa imagem de S. João Marcos. Em plano um pouco superior e entre columnas salomonicas a elegante e grandiosa tribuna com a imagem da Virgem sob a invocação da Piedade, (2) de quem o povo de Lisboa era muito devoto.

Epigraphia:

No cepo do gigante, junto ás grades, em caracteres gothicos, a seguinte inscripção:

Sepultura de João do Barril. (3)

(1) *Chronica*, tomo 1.º, n.º 1491.

(2) A Confraria da Piedade, fundada em 1490, era sempre constituida pelos fidalgos e outras pessoas de distincção, que serviam no paço.

(3) Era um devoto da Virgem, que obtivera concessão para ser ali sepultado.

Na parede do sul, perto da porta que dava serventia para a capella da Conceição, a seguinte:

Aqui jaz Francisco Daffonso: (1) pater noster.

No pavimento da capella, quatro inscripções.
Do lado do Evangelho:

Aqui jaz Francisco de Sampayo, que foi casado com Dona Luiza Moniz, senhor de Villa Flór, e Administrador desta Capella: faleceo em 9 de fevereiro de 1662.

Ao centro:

Aqui jaz Dona Luiza Moniz, mulher que foy de Francisco de Sampayo, senhor da Casa de Villa Flór e Administrador desta Capella: faleceo a 16 de maio de 1659.

Do lado da Epistola, primeira:

Aqui jaz Dona Elvira d'Alarcão, mulher de Jeronymo Luiz de Lusignan, a qual falleceo dentro nesta egreja, estando diante do Santissimo Sacramento, sabbado Santo 28 de março de 1587. (2)

Segunda:

Aqui jaz Dona Marianna d'Alarcão, mulher de Luiz de Torres de Lima, filha de Jeronymo Moniz e de Dona Elvira d'Alarcão, os quaes tem duas missas quotidianas nesta capella, e para ellas deixarão cinquenta mil réis de juro, e cinco para a fabrica.

Pelo lado exterior da igreja, no topo das escadas, que, vindo do

(1) Fôra criado grave de Gil Moniz, e, por permissão d'este, ali sepultado.

(2) Foi tambem jazigo do marido, padroeiro da Capella, e fallecido em Barcellona a 25 de setembro de 1595. Um facto digno de registo: Esta senhora tambem nesta capella deu á luz um filho, que foi mais tarde provincial da ordem e bispo do Porto, fr. Martinho Moniz.

Rocio de Valverde, terminavam junto á porta travessa (sul), havia tambem uma pequena capella da mesma invocação, tendo egualmente o povo de Lisboa muita devoção com a respectiva imagem.

A capella de Nossa Senhora da Piedade é hoje a sala

POSSIDONIO DA SILVA

*
* *

CAPELLA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Tambem conhecida pela designação dos Santos Reis, por nella haver entre outras, uma primorosa pintura representando os reis magos. (1)

Dada pelos frades, em 1537, a Alvaro Pacheco, cavalleiro fidalgo da Casa d'el-rei, e a seu genro Diogo Fernandes das Povoas, cavalleiro professo na Ordem de Christo.

O arco, de talha dourada, e nelle varias figuras de Virtudes com empresas da Conceição, «obra perfeita, e naquelle genero das mais singulares da egreja». (2)

Até 1685 teve um retabulo relativamente modesto e algumas pinturas de brutesco. Nesta data fez-se o grande e precioso retabulo, de talha e columnas douradas e ornado com varios paineis da vida da Virgem, ficando o da Conceição no logar mais alto, ao centro.

Era sobremaneira magestosa a tribuna, na qual assentava a imagem da Conceição, circumdada por uma «artificiosa gloria» de anjos, de boa esculptura, mettidos em nuvens.

Rematava toda a obra uma grande corôa imperial.

O tecto, de finas madeiras com excellentes pinturas.

Nesta capella, que era fechada com altas grades de ferro, presas aos pilares do arco, havia um sacrario de grande riqueza, onde se depositava o Santissimo Sacramento, quando no respectivo altar se celebravam festas incompativeis com a permanencia d'Elle.

(1) Por detraz desta capella havia uma sacristia, e, por cima desta, a Casa do despacho.

(2) *Chronica*, tomo 1.º, n.º 1514.

Epigraphia:

Não havia inscripções nesta capella, comquanto fosse certo que nella se tinha sepultado o já mencionado Diogo das Povoas, e alguns dos seus nobilissimos descendentes. (1)

Esta capella é hoje a sala

AFFONSO DOMINGUES

*
* *

CAPELLA DO SANTISSIMO SACRAMENTO

No topo sul, correspondendo á da Encarnação, que ficava fronteira, e separada do cruzeiro por grades de bronze, pelas quaes se estendia a mesa da communhão.

Era aqui a porta travessa da igreja, que posteriormente (em 1591) foi fechada, fundando-se então esta imponentissima capella.

Subia-se para o presbyterio por cinco degraus de pedra lavrada. No retabulo, que rematava por um brazão d'armas, (2) pintado, salientavam-se as altas columnas douradas subindo a todo o vão. Paineis de grande valor pela pintura e molduras, ficando no alto, e ao centro, o maior, que representava o Santissimo Sacramento. Sobre a banquetta do altar um formoso tabernaculo, onde se guardavam as sagradas particulas.

Do lado do Evangelho, a imagem de Santo Anastacio, de singular esculptura; (3) e do da Epistola, a de Santa Engracia, carmelita.

Esta capella, de que Sant'Anna dá extensas informações, (4) tinha uma notabilissima irmandade, instituida por compromisso de 1562, assignado pelo cardeal rei D. Henrique, e foi por muito tempo administrada pelos condes de Obidos, meirinhos môres do reino.

(1) As capellas, que ficam citadas, estavam feitas por occasião da morte do condestavel, occorrida em 1 de novembro de 1431.

(2) Escudo esquartelado. Primeiro: quinas de Portugal; no contrario, 3 flores de lis em roquette; no segundo e contrario, 5 estrellas (de 5 pontas) postas em aspa. No meio do escudo, um anel.

(3) Obra do insigne esculptor Manuel Dias.

(4) Em todo o capitulo 13.º (n.ºs 1520 a 1542) da *Chronica*.

Epigraphia:

Na parte inferior do painel, que representava o Santissimo Sacramento, o seguinte dizer:

*Triumphat ille splendide, et dignus amplitudine, Soli polique.
Patriam Unam facit Rempubicam.*

Na frontaria do presbyterio, do lado do Evangelho, o seguinte:

Mandou fazer esta capella do Santissimo Sacramento e reliquias do Mosteiro Dona Catharina de Menezes, mulher que foy de D. João Coutinho, alcaide mór da Villa de Santarem, para se sepultar nella, e o dito seu marido e os seus herdeiros e successores descendentes e nenhuma outra pessoa, e provéo dos ornamentos, prata, e a dotou com sessenta mil reis de juro de vinte o milhar.

Do lado da Epistola um letreiro que não transcrevemos por não ter importancia, referindo-se á obrigação dos frades dizerem ali missas e rezarem um officio de 9 lições, etc.

Com excepção de um pequeno letreiro no cepo do gigante (poente) não havia nesta capella inscrições sepulchraes, sendo todavia certo que nella se inhumaram a fundadora e seu marido (aos quaes dizia respeito o brazão d'armas), e bem assim varios membros da illustre familia dos condes de Sabugal e Obidos, seus herdeiros.

O letreiro do cepo dizia:

Aqui jaz Gomes e Annes, criado Dafonso Annes Nogueira, alcaide mór desta cidade.

*
* *

CAPELLA DO SANTO CHRISTO CAPTIVO

Esta sumptuosa capella, cujo primeiro orago foi o Espirito Santo, ficava, ainda no cruzeiro, entre a precedente e a primeira da nave meridional. Tinha 8^m,8 de fundo por 5^m,9 de largura e altura proporcionada.

O arco, paredes e abobadas, de jaspes brancos e outras pedras finas, «tudo com elegancia tanta e tal magestade que se chega a ver neste sacro Edificio huma ostentação de grandeza». (1)

Fundada nos primeiros annos do seculo 17.º por D. Francisca Brandão, que nella foi enterrada em 1620, começou, a partir de 1638, a chamar-se de *Santo Christo Captivo* por nelle ser depositada uma imagem d'aquella invocação trazida d'Argel. (2)

Subia-se, por tres degraus de fino marmore, para o presbyterio, onde havia duas grandes estatuas d'anjos, empunhando castiças com vellas sempre accesas.

O altar tinha duas banquetas, ficando na primeira o grandioso tumulo, onde, entre curiosas molduras de cristal, se via a santa *Vero-nica* do Senhor, pintada em Jaen pelo insigne pintor Christovam Villa.

Este tumulo, bem como as banquetas, frontal, etc., eram de prata lavrada. Do mesmo metal a curiosissima grade (servia de porta ao tumulo), offerecida pela rainha D. Luiza de Gusmão, cujas armas nella se viam lavradas.

Esta capella, pelo facto de receber a miude riquissimos donativos, (3) era uma das mais luxuosamente ornadas e paramentadas da igreja. Tambem tinha varios privilegios.

Epigraphia:

Na parede do lado do Evangelho o brazão d'armas da fundadora (num losango, cinco brandões em aspa), e por baixo, a pequena distancia, o seguinte letreiro:

Esta Capella do Espirito Santo he de Francisca Brandõa, mulher de Francisco Roiz de Goes, que Deos haja, e ella mandou fazer á sua propria custa para sua sepultura, e a dotou com quarenta mil reis de juro, e nove moyos de renda, e olivæes, vinhas e terras de pão, e outra fazenda declarada na Escritura de Contrato, que fez com o Prior e Padres do Mosteiro de Nossa Senhora do Carmo, com obrigação de missa

(1) *Chronica*, tomo 1.º n.º 1543.

(2) A curiosa historia desta imagem foi publicada em 1645 pelo carmelita fr. Manuel Ferreira.

(3) Entre estes citaremos quatro grandes castiças de prata offerecidos pela rainha d'Inglaterra, D. Catharina, filha de D. João 4.º

quotidiana, e outras missas e officios cantados de nove, e tres lições, como no dito contrato se contém.

Entre este letreiro e o brazão havia dois curiosos e riquissimos quadros vindos de Roma, um representando Nossa Senhora da Pedrada, e o outro Nossa Senhora da Punhalada.

Nesta capella, administrada pelos herdeiros da nobre fundadora, fazia-se uma solemmissima festividade ao Santo Christo Captivo na primeira oitava de Pentecostes.

*
* *

Tambem no cruzeiro, entre outras grandes campas, estava a do notavel poeta Antonio Ferreira, fundador da escola classica no seculo 16.º

Sobre ella lia-se:

Epitaphio do Doutor Antonio Ferreira, lente que foy na Universidade de Coimbra, Desembargador da Relação, raro Poeta.

Faleceu no anno de 1569.

*Hic Doctor jacet è Cathedra quem jura Tonantem
Mente avida audiret Bartolus, imo Solon:
Carmina scribentem cythara sequetur Apollo,
Diceret, & numeris non satis esse Chelin
Jus, & Pieridas Patriae decoravit, amore
Illius, haec capiti laurea maior erat.
Nec vati magnum, ac fuerit quod in urbe Senator
Sede sua quod Regnum scripta Thalia regit
Si legit, una tuos componet Epistola mores:
Maximus est Doctor, qui docet è tumulo*

Proximo a esta campá havia outra com a seguinte inscripção:

Sepultura de João Bautista Labanha, (1) e de seus herdeiros: faleceu em Lisboa a 5 de Fevereiro de 1555.

(1) Ascendente do celebre cosmógrapho mór do reino, de igual nome.

Em outra lia-se:

Sepultura de Dona Mencia Zoaeres de Toledo, ama de la Serenissima Infante Dona Maria, faleceo aos 22 de Julho de 1588.

Junto á porta travessa, uma grande campá com a inscripção:

Sepultura de Joham Roiz Portuguez. Faleceo a 11 de Mayo de 1566, e de Manuel Roiz da Ilha seu filho, e de seus herdeiros, a qual é perpetua por esmola, que derão, de que se fez compromisso com o Prior e Frades deste convento em o anno de Xpo de 1566. Pater Noster, Ave Maria.

No cepo do gigante, junto ao pulpito do lado do Evangelho, lia-se, em caracteres gothicos:

Sepultura do Farelo.

*
* *

CAPELLAS DA NAVE DO NORTE

Nesta nave havia nove capellas.

Eram dedicadas a Nossa Senhora do Soccorro, Santo Antonio, Santa Luzia, Santo Alberto Confessor, Jesus Maria José, S. João Evangelista, S. Miguel, Santa Catharina e S. Roque.

*
* *

CAPELLA DE NOSSA SENHORA DO SOCCORRO

Era a primeira a partir do cruzeiro, e foi na fundação dedicada a Sant'Anna.

Se nas dimensões não apresentava differença das outras, excedia-as na riqueza do arco, de talha dourada.

Era igualmente de talha dourada o retabulo, e de prata lavrada as diversas peças ornamentaes do altar, castiças, cruz, frontal, lampadas, etc.

A imagem, obra do insigne esculptor Manuel Dias.

Tambem aqui se veneravam mais duas bellas imagens: a de Santa Quiteria, do lado do Evangelho; e a de Santa Rita de Cassia, do lado da Epistola.

A capella era administrada por uma irmandade constituida pelos mercadores de lan.

Epigraphia:

No pavimento, do lado do Evangelho:

Esta capella é de João Homem de Oliveira, Cavalleiro da Ordem de Christò e Procurador dos Contos do Reyno e Casa.

Do lado da Epistola, a continuação:

E de sua mulher Martha Luiz de Camoens, elle falleceo a 28 de Julho de 1607, e ella a 15 de Setembro de 1610.

Ao centro:

Tem duas Missas quotidianas, huma por elles instituidores, e outra por Barbara Luiz de Camoens.

E um pouco abaixo:

Operi manuum tuarum porrigis dexteram. Job cap. 14.

CAPELLA DE SANTO ANTONIO

«Imagem de singular esculptura», a do Santo.

No retabulo, de talha dourada, despertava a attenção o respectivo painel, cuja pintura representava um milagre do illustre thau-maturgo. De prata lavrada, as peças ornamentaes do altar. Da parte do Evangelho, a imagem de S. Joaquim; do da Epistola, a de Santa Febronia.

Era administrada por uma irmandade muito florescente até ao principio do seculo 17.º

Epigraphia:

Em uma lapide sobre a cimalha:

Esta capella da invocação de Santo Antonio he de Francisco Machado, o qual a dotou de uma missa quotidiana para sempre: falleceo a 22 de Julho de 1599: e assim he de seu irmão Antonio Machado, que a mandou fazer e ornou do necessario.

Este letreiro estava repetido em uma sepultura rasa no pavimento.

CAPELLA DE SANTA LUZIA

Tinha um retabulo differente de todos, pois era constituido por pequenas columnas, entre as quaes estavam as imagens: a de Santa Luzia, ao meio do altar; a de S. Braz, do lado do Evangelho; e a de Santa Apolonia, do da Epistola.

Nos paineis do retabulo, pinturas allusivas ao martyrio da Santa. De prata lavrada, as peças ornamentaes do altar, o qual ainda tinha mais um ornato curioso: estava sempre litteralmente coberto de ex-votos.

Epigraphia:

Em lapide sobre a cimalha:

Lucida lucente, lucesis, Lucia, luce:

Mens mea lucescat, Lucia, luce tua.

Ao centro do pavimento, n'uma campa:

Esta capella e sepultura he de Alvaro Ferrão, Cavalleiro Fidalgo da Casa delRey Nosso Senhor, e de Margarida Luiza Clemente, sua mulher, e de todos os seus descendentes. Os padres deste Convento tem obrigação de lhe dizer nella uma missa quotidiana com responso por sua alma para sempre: para o qual deixou a esmola de trinta mil reis cada anno.

A capella não tinha irmandade, mas os frades faziam festas pomposas em honra da martyr.

CAPELLA DE SANTO ALBERTO

Além da imagem do santo presidindo ao altar, havia a de S. Pedro Thomaz, do lado do Evangelho, e a de Santo André Corsino, do lado da Epistola.

De talha dourada o retabulo, e de prata lavrada todos os adornos do altar. A pintura do painel figurava factos da vida do santo.

Epigraphia:

Sob o braço dos Pinheiros (um pinheiro entre dois leões rompantes, que o combatem), na cimalha, o seguinte distico:

*Tegmine sub cuius Drepani stat gloria montis
Albertus molem hanc sustinet una pius.*

Ao centro do pavimento:

Esta capella he de Jeronyma Pinheiro, donzella, com missa quotidiana e outras obrigações conforme a Escritura, para o que deixou cincoenta mil reis de juro, que tem na Alfandega desta cidade. Anno de 1609.

Não havia irmandade, mas fazia-se festa ao santo.

CAPELLA DE JESUS, MARIA, JOSÉ

Bello retabulo, de talha dourada. «A pintura do painel excede a todas com vantagem». (1) Altar, rico; e sobre a respectiva banquetta, tres imagens de vulto: a do Menino Jesus, ao centro; do lado do Evangelho, a de sua Mai; do da Epistola, S. José.

Tinha esta capella varios privilegios concedidos pelo papa Bene-

(1) *Chronica*, tomo 1.º, n.º 1471.

dicto 13.º e rei D. Pedro 2.º, e uma numerosa irmandade ⁽¹⁾ de homens pretos.

Epigraphia:

Em lapide sobre a cimalha:

Esta capella e sepultura he de Antonio Rodrigues e de sua mulher Isabel Henriques, fundadores della, e de seus herdeiros; deixou de fóro para missa quotidiana e mais obrigações, trinta e cinco mil reis, e a fabricou de todo o necessario, como consta da Escritura.

No pavimento, uma inscripção, ampliando a anterior com diversos esclarecimentos, terminando por informar que se acabou (provavelmente alguma reparação) a 4 de Julho de 1611.

CAPELLA DE S. JOÃO EVANGELISTA

Retabulo, de talha dourada. Formoso painel, representando o santo a dar a communhão á Santissima Virgem. De prata lavrada as peças do altar, a que preside o Evangelista, em imagem de vulto. Do lado do Evangelho, a de S. Francisco de Senna; do da Epistola, a de S. Vicente Ferrer.

Epigraphia:

Em lapide sobre a cimalha:

*Qui Domini Matrem susceperit aedes Joannes
Ipsa sacerdotem suscipit aede Suum.*

No pavimento, em campá central, sob um braço d'armas: ⁽²⁾

Esta capella e sepultura he de Antonio de Varona e seus herdeiros.

(1) Contava mais de dois mil irmãos.

(2) Em escudo 4 bandas, com orla de oito espelhos ovaes. Timbre: um braço armado com uma espada quebrada na mão.

Em campá, do lado do Evangelho:

Antonio de Varona mandou trasladar para esta sua sepultura os ossos de seus pays Ginés de Varona e Brites Gomes, aos 29 d'agosto de 1646.

CAPELLA DE S. MIGUEL

Retabulo, de talha dourada. Painel representando o santo com as almas do Purgatorio.

A mesma riqueza das precedentes nas peças de ornamentação.

Presidia ao altar a imagem do archanjo, «uma das mais perfeitas da Egreja». (1)

Do lado do Evangelho, a imagem de S. Bento; do da Epistola, a de Santo Antonio, mais tarde substituida pela de Santo Amaro, a quem se fazia uma das mais solemnes festividades d'esta igreja, a 15 de Janeiro.

Era administrada pela irmandade de S. Miguel e Almas, muito florescente até ao ultimo quartel do seculo 17.º, principiando então a sua decadencia, de que só começou a levantar-se em 1729.

Epigraphia:

Em lapide sobre a cimalha.

Esta Capella de S. Miguel e Almas do Purgatorio he de Antonio Roiz, alcaide desta cidade, que a mandou fazer á sua custa, ornou e dotou de sessenta mil reis de renda: São obrigados os Padres deste convento a dizer-lhe uma missa resada, e as tres da Noite de Natal, e huma mais cantada com seu Responso, 1610.

Na aduela do arco, do lado do Evangelho, outra inscripção principiando pelas palavras da antecedente, e esclarecendo-a nas condições do contrato com os frades, etc. Não a transcrevemos, por extensa.

(1) *Chronica*, tomo 1.º, n.º 1478.

CAPELLA DE SANTA CATHARINA

Tambem conhecida pela denominação de Santo Ildefonso, por ali existir uma imagem d'este santo.

Formosa, e bem ornamentada como as anteriores.

O painel do retabulo, «de pintura tão fina como as outras já applaudidas,» (1) alludia ao triumpho, que a santa obtivera de uns sabios, idolatras.

Epigraphia:

Em lapide sobre a cimalha:

Mons Sinai celebris tua condidit ossa:

Mons modo Carmeli, te, Catharina, colet.

No pavimento:

Esta capella he de Fernão Dias de la Torre Saavedra, natural de Sevilha, a qual depois de fallecido mandou fazer Dona Catharina de Carvalhaes sua mulher, para elles ambos e para os herdeiros do dito seu marido, o qual fall.º no anno de 1604 a 8 de Janeiro: tem missa quotidiana com trinta mil reis cada anno.

Era administrada pela confraria de Santo Ildefonso, instituida pelos douradores.

*
* *

CAPELLA DE S. ROQUE

Era «uma das mais ricas e bem ornadas capellas da Egreja, por causa da muita prata lavrada, que se lhe tem feito». (2)

De talha dourada, o retabulo, em cujo painel e no altar as imagens do santo. A ultima, de excellente esculptura.

(1) *Chronica*, tomo 1.º, n.º 1485.

(2) *Chronica*, tomo 1.º, n.º 1487.

Epigraphia:

Em lapide sobre a cimalha:

Esta capella he de Dona Isabel de Mello, tem missa quotidiana, para o que deixou sua fazenda.

A irmandade de S. Roque, constituída pelos carpinteiros da Ribeira das Naus e dos diversos portos do reino, era das mais importantes da igreja. O seu compromisso datava de 1581.

Foi sempre muito contemplada com mercês reaes.

*
**

Proximo a esta capella, mas na face interna da frontaria, existia um grande mausoleu de pedrarias brunidas e de varias côres, assente sobre dois leões. No remate dos pilares do arco, dois braços d'armas. Á direita, o dos Almeidas (seis bezantes entre uma cruz dobrada, com seu coronel); á esquerda, o dos Castros (seis arruellas em duas pallas, sem coronel, nem timbre).

Na face anterior do mausoleu havia o seguinte letreiro:

D. Michael d'Almeida, comes Abrantinus, vère Patriae Pater, certe filius Lusitaniae, pro cujus acclamata libertate anno 1640, primus gladium eduxit: in Regis postea Alphonsi Sexti inauguratione ad sceptrum bene auguratus pro eo vicem tenuit: Reginae oeconomus maior, aetate grandis, meritis grandior, obiit die 28 Novembris anno 1656. D. Vascus da Gama, Marchio de Niza, avunculo suo amantissimo hoc monumentum P. A. & O. E.

*
**

CAPELLAS DA NAVE DO SUL

Eram sete, e dedicadas respectivamente a S. Simão Stoch, (1) Santo Angelo, Nossa Senhora da Vida, S. Pedro, Santa Thereza de Jesus, Santa Maria Magdalena de Pazzi e S. João Baptista.

(1) Tambem dedicada a Santo Elesbão e Santa Ephigenia, todos gloriosos carmelitas.

CAPELLA DE S. SIMÃO STOCH

De bella talha dourada. Admiravel a pintura do painel do retabulo, representando a Virgem a entregar o escapulario ao santo.

No meio do altar, sobre peanha de talha, a imagem de S. Simão; do lado do Evangelho, a de Santo Elesbão, imperador da Ethiopia; do lado da Epistola, a de Santa Ephigenia, princeza da Nubia. Todas de boa esculptura e de tamanho quasi natural: as duas ultimas, de côr preta.

A congregação, instituida no seculo 18.º para administrar a capella, compunha-se de cento e vinte pessoas, todas da primeira nobreza. Os homens intitulavam-se *Vassallos dos Santos Principes*; as senhoras, *Aias da Santa Princeza*, tendo uma d'estas aias o titulo de Protectora. (1)

Epigraphia:

No pavimento:

Esta Capella e sepultura he de Pedro Correia da Sylva, e de sua mulher Dona Guiomar de Novaes: tem uma missa quotidiana para sempre com duas Missas cantadas em cada hum anno para sempre, de que he Administrador Rodrigo de Rezende Nogueira; pertence o Padroado della ao possuidor do Morgado de Jorge Nogueira de Novaes, primo e herdeiro da dita Dona Guiomar de Novaes, de que ha Escriitura na Provedoria das Capellas, feita pelo Tabalião Francisco do Valle, no anno de 1654.

*
* *

CAPELLA DE SANTO ANGELO

Tinha um formoso retabulo, de talha dourada, representando o painel um successo da vida do santo.

(1) A primeira «Protectora» foi a condessa d'Aveiras, D. Ignez Joaquina Silva Telles de Menezes Corte Real, filha do 4.º conde do mesmo titulo.

Ao altar presidia a respectiva imagem, de vulto, tendo do lado do Evangelho a de S. Philippe, apóstolo, e do da Epistola, a de Santo Estevam, abbade.

Epigraphia:

No pavimento, tres inscripções.

A da parte do Evangelho dizia:

Esta capella mandou fazer Henrique Roiz de Lisboa, que faleceo na India, para se recolherem as ossadas de seu pay e may, e mais parentes, que nella estão: tem uma Missa quotidiana, que os Padres desta Casa tem obrigação de mandar dizer, e ha Escriitura feita com elles nas Notas de Manuel Antunes, Escrivão da Provedoria das Capellas, em 28 de Setembro de 1611: acabou-se e ornamentou-se á sua custa, da fazenda que deixou o dito Henrique Roiz de Lisboa: he Administrador seu irmão Diogo Roiz Lisboa.

A do meio:

Aqui está sepultado o Padre Antonio Roiz de Sousa, abbade que foy de S. João de Campos: Constituiu duas Capelancias, das quaes he Administrador seu irmão Jorge Gomes do Alimo, que o he tambem desta capella: faleceu a 12 de Dezembro de 1653. Requiescat in pace.

A do lado da Epistola:

Sepultura de Diogo Roiz de Lisboa, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, e de sua mulher Dona Izabel Henriques, a qual faleceu a 28 de Janeiro de 1609, e de seus herdeiros, e elle faleceu a 17 de Janeiro de 1648, e nella está sepultada Dona Marianna de Torres, mulher de Jorge Gomes do Alimo, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Cavalleiro professo na Ordem de Christo, a qual faleceu a 29 de Dezembro de 1629.

Esta capella foi depois administrada pela familia Salter de Mendonça, descendente dos Alimos.

*
* *

CAPELLA DE NOSSA SENHORA DA VIDA

Tambem em bello retabulo, representando o seu painel o mysterio da Visitação.

Ao meio do altar, a imagem da Senhora da Vida, ficando aos lados, as dos apóstolos S. Simão e S. Judas Thadeu, esta do lado da Epistola, e aquella do do Evangelho:

Epigraphia:

Em lapide sobre a cimalha:

*Solvere Virgineis fas est jam gressibus: ara
Carmelum Elisabeth tempus in omne colit.*

Dentro, no arco, e do lado da Epistola:

Esta Capella he de Simão Roiz de Andrade, cidadão da Cidade do Porto, natural da Cidade da Guarda, e de sua mulher Isabel da Sylva, natural da Cidade do Porto, moradores nesta Cidade, a qual capella mandarão fazer para suas sepulturas. Os Padres deste convento tem obrigação de lhe dizer uma missa quotidiana para sempre, para a qual deixarão trinta e cinco mil reis de juro, na qual se enterrarão seus herdeiros descendentes: 1619.

No pavimento, sobre uma campa:

Esta capella he de Simão Roiz de Andrade, natural da cidade da Guarda, e de sua mulher Isabel da Sylva, e de seus herdeiros: tem uma Missa quotidiana, e quatro Missas cantadas cada anno para sempre com trinta e cinco mil reis de juro: 1619.

CAPELLA DE S. PEDRO

O painel do retabulo era um dos melhores do templo. Representava o Santo apóstolo recebendo das mãos de Jesus Christo as chaves

da Igreja. Presidia ao altar uma bella imagem de S. Pedro, de vulto, tendo do lado do Evangelho a de S. Francisco d'Assis, e do lado da Epistola a de S. Francisco Xavier.

Epigraphia:

Em lapide sobre a cimalha:

*Quae quondam Eliae tecta in Thabore parasti,
Ille in Carmelo nunc tibi, Petre, parat.*

No pavimento, sobre uma campã:

Esta Capella e sepultura della, he de Diogo Fernandes Portalegre e de sua mulher Dona Julianna Corrêa e seus herdeiros: tem obrigação de missa quotidiana e hum officio de nove Liçoens com sua Missa cantada no Oitavario dos Santos; mais tres Missas cantadas, huma dia de Santiago, outra dia de S. Pedro, e outra dia de S. Julião. Está dotada de trinta e cinco mil reis de juro cada anno para tudo o sobredito, e para a fabrica desta capella, anno de 1628.

Havia na capella a irmandade de S. Pedro.

CAPELLA DE SANTA THEREZA DE JESUS

O bello painel do retabulo representava Nossa Senhora vestindo a santa e lançando-lhe um precioso collar, com cruz pendente. Presidia ao altar a imagem respectiva, entre a de S. João da Cruz, do lado do Evangelho, e a de Santa Eufrosina, do da Epistola.

O frontal, banquetta, peanhas das imagens e varios outros artigos, de prata lavrada.

Tinha uma grande irmandade que fazia uma pomposa festa (precedida de novena) a Santa Theresa no dia 15 d'outubro.

Epigraphia:

Em lapide sobre a cimalha:

*Carmeli proles fulget Theresia doctrix,
Virginis in palma gaudio matris habens.*

No pavimento, sobre uma campá:

Esta Capella e sepultura he de Antonio Leite, e de sua mulher Maria Coelha, em que ambos estão sepultados; tem por suas almas Missa quotidiana: faleceo a 7 de Novembro de 1628.

*
**

CAPELLA DE SANTA MARIA MAGDALENA DE PAZZI

A bella pintura do retabulo representava o Senhor ornando com a sua corôa d'espinhos a cabeça da Santa.

Presidia ao altar uma perfeitissima imagem de Santa Maria Magdalena. Do lado do Evangelho ficava a de S. Francisco de Paula; e do lado da Epistola, a de S. Gonçalo, todas de vulto.

Frontal e outros ornatos, de prata lavrada.

Epigraphia:

Dentro, no arco, e do lado do Evangelho:

Esta Capella he de Diogo Lopes Caminha e de Barbara Caminha sua mulher: tem Missa quotidiana e seu officio.

No pavimento, sobre uma campá:

Esta Capella e sepultura he de Diogo Lopes Caminha, Thesoureiro Geral dos Direitos do Sal por Sua Magestade, e de sua mulher Barbara Caminha: tem Missa quotidiana com seu officio no Oitavario dos Santos: 1627.

Teve uma nobre Confraria, formada primeiro por florentinos, que passaram para a igreja do Loreto, e depois por portuguezes. Esta confraria fazia uma importante festa á santa no dia da Santissima Trindade.

*
**

CAPELLA DE S. JOÃO BAPTISTA

De finissima pintura o painel do retabulo, representando o nascimento do Santo Precursor.

Presidia ao altar a respectiva imagem, de vulto, representando-o na infancia. Da parte do Evangelho ficava a de S. Sebastião, e da da Epistola, a de S. Marçal.

O andor de S. João era dos mais ricôs e curiosos da capital.

Celebrava-se aqui uma pomposa festividade no dia 24 de Junho. Não havia letreiros nesta capella.

(Continúa).

M. J. CUNHA BRANDÃO

Copia da Escriptura de doação do
Convento do Carmo de Lisboa ⁽¹⁾

Em nome da Santissima Trindade Padre Filho, e Espirito Santo, e da Virgem gloriosa Santa Maria sua Madre, sejam certos os que este estromento publico, e outro tal ambos de hum theor virem, como no anno do nascimento de Nosso Senhor Jesu Christo de mil quatrocentos, e vinte e tres annos, vinte oito dias do mes de Julho na Cidade de Lisboa, dentro no Mosteiro de Santa Maria da dita Cidade, estando hy o mui famoso, e honrado Baram Dom Nuno Alveres Pereira Condestabre em presença de my Gomes Martins o mosso tabaliom d'ElRei em a dita Cidade, e testemunhas adiante escritas. O dito Senhor Conde

(1) *Chronica dos Carmelitas* por Fr. J. P. de Sant'Anna, t. 1, pag. 824.

disse que grandes tempos avia, que el reconhecendo as grandes, e muitas altas graças, e honras, e mercês, que de Deos, e da Virgem Santa Maria sua Madre, avia recebudas, que prepuzera em sua vontade de edificar, e fazer o dito Mosteiro de Santa Maria com intençom de o dotar, e lhe fazer dello graça para a sua Ordem do Carmo para os fraires da dita ordem para sempre em ello fazerem serviço a Deos, e á Virgem Santa Maria: e como quer que houvesse grande tempo, que o dito Mosteiro fosse começado, e a Deos graças já era acabado, e sempre em ello morassem, e estivessem frailes da dita Ordem, que el porem nunca o provocara, nem declarara, que era da dita Ordem de Santa Maria do Carmo, nem que lho queria dar: e que esto guardara sempre em sy, entendendo por bem, e por serviço de Deos, e pollos fraires dellos viverem melhor, e se nom alterarem por temerem que se bem non vivessem que el faria outra couza do dito Mosteiro. E que por quanto el no dito Mosteiro via fraires bons, e virtuosos, e que vivem bem, e em serviço de Deos, que el declarava sua vontade, que ataa hora em o tempo tivera guardada. E que daqui em diante provocava o dito Mosteiro ser da Virgem Santa Maria, e da sua Ordem do Carmo, e que fazia del pura doaçom para sempre á dita Ordem com todas as rendas, e direitos que o el ha dotado para os fraires da dita Ordem, assi nos que hora y estão, como os que depois vierem, e em el servirão a Deos, e á Virgem Maria, e á sua Ordem. Outorgou, e mandou, que a dita Ordem aja logo a posse do dito Mosteiro, e das rendas dello para todo sempre sem nenhum embargo: e que esta doaçom lhe fazia, e faz com estas condiçoms adiante escritas. Primeirairamente, que o Priol, e fraires, que hora são, e daqui em diante forem no dito Mosteiro apartem em cada hum anno sinquo fraires dos melhores do dito Mosteiro, que diguam em cada hum dia sinquo Missas, convem a saber as tres por elle dito Senhor Conde, e huma pela alma de seu Padre, e outra pela alma de sua Madre, segundo he theüdo na doaçom, que antes disto fez ao dito Mosteiro das rendas, que lhe deo, a qual doaçom disse, que approvava, e confirmava para sempre. A segunda condiçom, que em vida delle dito Senhor Conde acaessendo o que Deos não queira, que no dito Mosteiro estem, ou a ello venhão alguns fraires, que bem non vivão, ou ajão outras condiçoms, que el por serviço de Deos entendã, que não cumpre de estar ahy, quer se jão Prelados, ou graduados em sciencia, ou outro qualquer estado, que os possa logo lançar fóra se quizer sem outra authoridade do geral,

nem de outro Prelado, e possa hy tomar outros fraires da dita Ordem quaesquer que por serviço de Deos, e da Virgem Maria entender. E a terceira condiçom, que em vida del dito Senhor Conde, que el aja a administraçom, e regimento das ditas rendas todas do dito Mosteiro, que se nom despendão, nem se faça dellas cousa se nom por seu mandado, e conselho para se averem de despender no reparamento do dito Mosteiro, e Chrausto, e cazas dello, e mantimento dos fraires, e nas outras couzas, que el mais entender por serviço de Deos, e da Virgem Maria, e bem do Priol, e fraires dello, e do dito Mosteiro. E outro sy el dito Senhor Conde em seus dias possa estar em esto Convento com seus companheiros, que comigo tem, e viver em serviço de Deos naquellas cazas, e cameras, que el mandou fazer no dito Mosteiro em que hora está sem nhuma contradiçom, nem embargo, que sobre ello seja posto. Das quaes couzas o dito Senhor Conde pediu hum Estromento. E Fr. Afonso dalfama Vigario geral da dita Ordem no Reyno de Portugal e do Algarve, e Fr. Diogo Gil Priol do dito Mosteiro, e Fray Sancho Licenciado, e o Doutor Fr. Diogo, e Fray Estevão, e Fr. João de Santarem, e Fr. Rodrigo, e Fr. Pedro, e Fray Alvaro, fraires do dito Mosteiro, que a esto todos presentes forão outorgarão o dito Estromento, e pedirão outro tal ambos de hum theor, e mais os que lhe comprirem: testemunhas Gil Ayres Cavaleiro Veador para as couzas pertencentes para Ceita, e Vasque Annes Conego da dita Cidade, criado do dito Senhor Conde, e Lourenço Esteves Despenseiro do dito Senhor Conde, e outras. E eu Gomes Martins o mosso Tabaliom sobredito, qua este Estromento, e outro tal ambos de hum theor escrevi, e aqui meu sinal fis, que tal he.



Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes

MUSEU ARCHEOLOGICO DO CARMO

CATALOGO

Secção Ceramica

As duas collecções que constituem a secção ceramica do Museu Archeologico do Carmo, são interessantes e valiosas. A que tratamos neste numero do *Boletim*—louça—não avulta em numero, mas recomenda-se pela raridade dos exemplares, em geral, e muito em especial pelas peças de faiança estrangeira, com legendas, versos, datas, marcas e documentações historicas.

Não conhecemos em Portugal, reunidas, tantas peças da faiança franceza, quasi todas do periodo em que foi tão exuberante, tão notavel como fabrico e tão caracteristica como documentação patriotica e revolucionaria!

E ainda de grande interesse para o estudo differencial dos especimens, que o formam e de resultado proveitoso para a apreciação comparativa d'estas e das demais producções congeneres da mesma epoca dos diversos paizes ceramicos europeus.

Dos azulejos já começados a catalogar, a exposição é variadissima. Estão representados muitos typos hispano-mouriscos, imitação de Mosaico, do seculo XV; do seculo XVI, alguns frisando os motivos ornamentaes da arte gothica e muitos outros com o caracter accentuado da ornamentação da Renascença—estyllo *plateresco*—n'uns e n'outros relevada, e os azulejos de superficie lisa desde este seculo até ao seculo XVIII.

PARTE I

- 1—Prato de faiança, decoração a azul, ao centro roseta azul e verde—
Fabrico de *Rouen*, sec. XVIII (meado). Diam. 0,22.

(Numero do antigo catalogo, 2366.)

- 2—Prato de faiança, decoração polychroma; na aba a caracteristica faixa

de Rouen, ao centro cesto de flores cercado de um colar de pedraria—Fabrico de *Rouen*, sec. XVIII. Diam. 0,24.

(Numero do antigo catalogo, 2367.)

- 3—**Compoteira de faiança**, (fórma de estrella) decoração polychroma; flores soltas, esmalte levemente esverdeado—Fabrico de *Rouen*, sec. XVIII. Diam. 0,22. Marcado a azul.

(Numero do antigo catalogo, 2368.)

- 4—**Prato de faiança**, decoração polychroma, flores, uma ave, borboletas, insectos e uma cornucopia—Fabrico de *Rouen*, sec. XVIII. Diam. 0,25.

(Numero do antigo catalogo, 2369.)

- 5—**Escrevaninha de faiança**, (fórma rectangular) decoração polychroma, flores soltas e na caixa duas pennas cruzadas presas por uma fita—Fabrico de *Sinceny*, sec. XVIII. Diam. $0,23 \frac{1}{2} \times 0,16 \frac{1}{2}$, maior alt. 0,13.

(Numero do antigo catalogo, 2370.)

- 6—**Prato de faiança**, decoração polychroma, flores soltas—Fabrico de *Sinceny*, (?). sec. XVIII (seg. mtd.) Diam. 0,23.

(Numero do antigo catalogo, 2371.)

N. B.—A classificação do antigo catalogo dá esta peça como fabricada em *Sinceny*, mas ella parece producto de *Sceaux*.

- 7—**Prato de faiança**, decoração polychroma; quatro grupos de flores soltas e a intercalar com os da aba, polychromos, o mesmo numero de ramos ornatados a branco, esmalte, de toda a peça, levemente azulado—Fabrico de *Saint-Amand*, sec. XVIII. Diam. $0,22 \frac{1}{2}$. Tem marca.

(Numero do antigo catalogo, 2372.)

- 8—**Prato de faiança**, decoração polychroma; ao centro um tropheo com flores de liz—estimado como peça de faiança patriótica—na aba cercadura arqueada e interceptada seis vezes por ornatos azues.—Fabrico de *Melun?* sec. XVIII. Diam. 0,22. Marca a tinta amarella.

(Numero do antigo catalogo, 2373.)

- 9—Prato de faiança, decoração a branco sobre esmalte azul escuro;— flores, insectos e filetes—Fabrico de *St-Omer*. Sec. XVIII. Diam. 0,23 $\frac{1}{2}$.

(Numero do antigo catalogo, 2374.)

- 10—Garrafa de faiança, decoração a azul com filetes amarellos. Fabrico de *Nevers* (?). Sec. XVIII. Alt. 0,22. Diam. 0,16 $\frac{1}{2}$. No bojo os seguintes versos:

Chansons a Boire	Vive ton excellent jus.
Jeunes fous qu'amour enchaîne;	Aimable dieu de la Treille;
Brisez vos chaînes,	je ne vois rien au dessus;
Faites tous comme je fais,	Ta liqueur est sans pareille,
Et vos plaisirs seront parfaits	lon lan la. &c.
Quand je Bois, &c.	

(Numero do antigo catalogo, 2375.)

- 11—Prato de faiança, decoração polychroma; ao centro S. Roque e Santa Barbara, cercadura genero de Rouen,—Fabrico de *Nevers*, 1760. Diam. 0,25.

(Numero do antigo catalogo, 2376.)

N. B.—Diz a referencia do antigo catalogo: «Prato de noivado: dois santos da devoção dos noivos estão representados no centro com o nome dos esposos. Uso muito seguido na Touraine e em Anjou.»

- 12—Prato de faiança, decoração a azul, esmalte azulado; ao centro S. José e o menino Jesus, e por baixo do grupo:—Saint Joseph, 1745—Fabrico de *Nevers* (?). Diam. 0,24 $\frac{1}{2}$.

(Numero do antigo catalogo, 2377.)

- 13—Prato de faiança, decoração polychroma; ao centro a tomada da Bastilha, vendo-se na bandeira desta fortaleza: *Vivre libre ou mourir*; peça rara do periodo revolucionario. 1789.—Fabrico de *Auxerre*. Sec. XVIII (fim). Diam. 0,23.

(Numero do antigo catalogo, 2378.)

- 14—Prato de faiança, decoração polychroma; ao centro uma paisagem

Joazeiro
St. Remi

dentro de um quadrifolio, na aba granadas soltas e filetes a verde.—Fabrico de *Jarzé*, sec. XVIII (ult. terço). Diam. 0,23.

(Numero do antigo catalogo, 2379.)

- 15—Prato de faiança, decoração polychroma; ramos de flores sob esmalte azulado.—Fabrico de *Sceaux*, sec. XVIII (ult. terço). Diam. 0,23.

(Numero do antigo catalogo, 2379 A.)

- 16—Molheira de faiança, e respectivo prato, decoração polychroma, esmalte lacteo; ramos soltos de flores.—Fabrico de *Niederviller*, sec. XVIII (ult. terço). Dim. alt. da molheira 0,08. 0,20 × 0,19, prato, 0,31 × 0,25, Marca a cinzento escuro.

(Numero do antigo catalogo, 2379 B.)

- 17—Prato de faiança, decoração polychroma; grupos de flores soltas, esmalte lacteo.—Fabrico de *Niederviller* (?), sec. XVIII (ult. terço) Diam. 0,23.

(Numero do antigo catalogo, 2379 C.)

N. B.—Diz-se que esta peça pertenceu ao serviço do conde De Crestine, com o seu Motte: Morreu no cadafalso em 1793.

- 18—Prato de faiança, decoração polychroma; flores soltas, no centro uma rosa, na grossura da borda um filete côr de castanha, esmalte lacteo.—Fabrico de *Niederviller* (?), sec. XVIII (fim). Diam. 0,24.

(Numero do antigo catalogo, 2379 D.)

Diz a nota que a presente peça é «da fabrica do Barão de Beyerlé, 1760».

- 19—Prato de faiança, decoração polychroma; flores soltas, filete na grossura da borda a côr de chocolate, esmalte lacteo.—Fabrico de *Strasbourg*, sec. XVIII. Diam. 0,25. Marca a azul e sepia.

(Numero do antigo catalogo, 2380.)

N. B.—Diz a nota antiga: «com a marca de José Hanmong. . . Este serviu de modelo ao que foi executado na Suecia sob a direcção do francez Guerre Bestheris em 1769—Strasbourg».

- 20—Prato de faiança, (fôrma quadrangular) decoração polychroma; cinco espaços orlados a preto (?) com fundo a branco contêm:

quatro da aba, flores, o do centro uma figura e paisagem, todo o resto da peça a amarello—estyllo oriental—Fabrico de *Strasbourg*, sec. XVIII. Dim. 0,22 $\frac{1}{2}$. Marca a sepia.

(Numero do antigo catalogo, 2381.)

A nota antiga diz: .. «da fabricação de Paulo Hanmong com sua marca, seculo XVIII—Strasbourg».

21—Prato de faiança, decoração polychroma; flores soltas, grossura da borda a castanho escuro, esmalte lacteo—Fabrico de *Stockholmo*, sec. XVIII (fim). Diam. 0,24 $\frac{1}{2}$. Marca a violeta.

(Numero do antigo catalogo, 2382.)

Nota antiga:.. da fabricação sueca, officina onde trabalharam muitos artistas francezes; St. tt.—Stockholmo.

22—Prato de faiança, decoração polychroma; flores, quatro ramos, grossura da borda um filete amarello, esmalte lacteo.—Fabrico de *Os Islettes*, sec. XVIII (segd. mtd.). Diam. 0,24 $\frac{1}{2}$.

(Numero do antigo catalogo, 2382 A.)

23—Prato de faiança, decoração polychroma; cinco ramos de flores sobre fundo amarello intenso, esmalte lacteo—Fabrico de *Montpellier*, sec. XVIII. Diam. 0,25.

(Numero do antigo catalogo, 2382 B.)

24—Prato de faiança, decoração polychroma; um grupo de flores ao centro, na aba segmento de festões floridos, esmalte lacteo.—Fabrico de *Moustiers*, sec. XVIII. Diam. 0,24.

(Numero do antigo catalogo, 2382 C.)

Nota: «Da bella época das produções da Provença e do Artista L. Oléres—Moustiers».

25—Prato de faiança, decoração polychroma; cinco grupos de flores, esmalte lacteo.—Fabrico de *Moustiers*, sec. XVIII (fim). Diam. 0,24 $\frac{1}{2}$.

(Numero do antigo catalogo, 2382 D.)

26—Prato de faiança, decoração a verde e roxo; grupos de folhagem, insectos e ao centro uma ave, esmalte branco.—Fa-

brico de *Varage*, sec. XVIII (ult. terço). Diam. 24 $\frac{1}{2}$. Marca a tinta cinzenta.

(Numero do antigo catalogo, 2383.)

- 27—Refrigerante de faiança, decoração polychroma; quatro grupos de flores, dois opposta e exteriormente collocados e dois entre as azas da peça (com todo o aspecto de *cache-pot*), esmalte branco.—Fabrico de *Murselle*, sec. XVIII. Alt. 0.14 $\frac{1}{2}$, diam. 0,17. Marca a tinta amarella.

(Numero do antigo catalogo, 2384.)

Nota antiga: .. «com a marca de Honoré Savy».

- 28—Prato de faiança, decoração a azul; ao centro um escudo com a corôa de marquez.—Fabrico de *Clermont Ferrand*, sec. XVIII (principio). Diam. 0,23 $\frac{1}{2}$.

(Numero do antigo catalogo, 2385.)

Nota antiga: «Executada por Pineau».

- 29—Compoteira de faiança, decoração a azul; ao centro uma pequena flor, a borda em gomos, esmalte lacteo.—Fabrico de *Meudon*, sec. XVIII (meado). Diam. 0,23.

(Numero do antigo catalogo, 2385 A.)

- 30—Vaso de faiança, decoração a azul; pote de pharmacia, azas, cabeças de cherubins.—Fabrico de *Montauban*, sec. XVIII (meado). Dim, alt. 0,07. Diam. 0,11.

(Numero do antigo catalogo, 2385 B.)

- 31—Cantil de faiança, decoração relevada sob esmalte e côres, castanho e amarello.—Fabrico de *Avignon*, sec. XVIII (segd. metd.). Diam. 0,12.

(Numero do antigo catalogo, 2385 C.)

- 32—Prato de faiança, decoração marmoreada; tom castanho avinhado.—Fabrico de *Malicorne* (?), sec. XVIII. Diam. 0,22.

(Numero do antigo catalogo, 2385 D.)

- 33—Saladeira de faiança, fôrma oval, decoração relevo e polychroma;

recommenda-se pela interessante pintura, motivo do centro, estylo oriental, com figuras, etc. e a borda esponjada a côr de vinho.—Fabrico de *Rennes* (?), sec. XVIII (segd. metd.) Dim. $0,36 \frac{1}{2} \times 0,28 \frac{1}{2}$.

(Numero do antigo catalogo, 2385 E.)

- ✕ 34—Especieiro de pó de pedra, (6 peças) esmalte lacteo; com a salva, de que está privado, haste e frascos expostos, formava um especieiro completo.—Fabrico de *Luneville*.

(Numero do antigo catalogo, 2386.)

Diz a antiga nota: «Salva com braço de rosca e galeria arrendada com 5 frascos, chamado especieiro, em pó de pedra superior de Lorraine da fabrica de Paulo Luiz Cyfflé, escultor do rei de Polonia.—*Luneville*».

- ♣ 35—Prato de meia porcelana, decoração a azul; flores soltas e insectos, esmalte branco.—Fabrico de *Chantilly*, sec. XVIII (fim). Diam. 0,24. Marca a azul.

(Numero do antigo catalogo, 2387.)

Nota antiga: .. Fabrica de Dubois..

- 36—Terrina de faiança, decoração polychroma.—Fabrico de *Lisboa*, sec. XVIII (fim). Dim. $0,34 \times 0,21$.

(Numero do antigo catalogo, 2388.)

- ✕ 37—Travessa de faiança, decoração polychroma; esmalte amarellado.—Fabrico de *Lisboa*, attribuido á Bica do Sapato, sec. XVIII (fim), Dim. $0,34 \times 0,28$.

(Numero do antigo catalogo, 2388 A.)

- 38—Vaso de faiança (?), decoração, ornatos em relevo, esmalte lacteo.—Fabrico de *Lisboa*, Real Fabrica do Rato, sec. XVIII (ult. terço) Dim. Alt. 0,52, diam. 0,38.

(Numero do antigo catalogo, 2388 C.)

(Continúa)

JOSÉ QUEIROZ.

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ACTA N.º 30

Sessão de Assembléa geral em 19 de Fevereiro de 1908.

Presidencia—Monsenhor Elviro dos Santos.

Secretario—Gustavo de Matos Sequeira.

Foi aberta a sessão ás 9 horas da noite estando presentes, além do presidente, os dignos socios srs. J. V. Mendes Guerreiro, Visconde da Torre da Murta, Ernesto da Silva, Sebastião da Silva Leal, José Alexandre Soares, Antonio Cesar Mena Junior, Dr. Arthur Lamas, João Rodrigues Fernandes e Gustavo de Matos Sequeira; e, sendo declarado pelo Ex.^{mo} Sr. Presidente haver sobre a mesa uma carta do nosso digno consocio, sr. Rocha Dias alegando que, por motivo de falta de saude, não podia continuar a exercer aquellas funcções, foi o signatario desta, por proposta do Sr. Silva Leal devidamente aprovada pela assembleia, ocupar o logar de secretario.

Composta deste modo a mesa, foi lida a acta da sessão anterior e, sendo aprovada, passou-se á leitura do expediente que constou dos documentos seguintes:

- 1.º—Uma carta-officio do nosso consocio Victor Ribeiro agradecendo o voto de sentimento, exarado na acta da sessão da assemblea geral de 12 do corrente, pelo falecimento de seu pae;
- 2.º—Uma carta-officio do nosso consocio Ascenção Valdez agradecendo identico voto, exarado na acta da mesma sessão, pelo falecimento de seu irmão;
- 3.º—Um telegramma do nosso consocio Ernesto da Silva, annunciando que Sua Magestade se dignava receber a comissão desta associação, que ia apresentar as sentidas expressões do nosso pesame, ás 2 horas da tarde do dia 14 do corrente; e
- 4.º—Uma carta do nosso consocio sr. Rocha Dias, a que já se aludira,

e em que o mesmo senhor se escusava, por falta de saude, a continuar no exercicio do logar de secretario.

Antes de se passar á ordem da noite, declarou o sr. Presidente lamentar muito sinceramente não ter sido prevenido da hora em que Sua Magestade se dignava receber a mesa da assembléa, sendo em seguida concedida a palavra ao Sr. Visconde da Torre da Murta que explicou á assembleia que, tendo sido o telegrama recebido, depois das três horas, na séde desta associação, só ás sete horas da noite chegou ás mãos do Sr. Rocha Dias, tarde demais para fazer prevenções domiciliars e sómente a tempo de enviar, para o «Seculo» e «Diario de Noticias», o convite que, no proprio dia da recepção, veio inserto nestes dois jornaes. Pediu em seguida a palavra o Sr. Ernesto da Silva, que comunica á assembleia ter sido recebida a comissão por Sua Magestade, comissão de que elle, orador, fizera parte juntamente com os dois dignos socios Conde de Sabugosa e Eduardo Augusto da Rocha Dias, transmitindo á mesma assembleia a forma amabilissima como foram recebidos por Sua Magestade a quem não foi comunicado o desejo manifestado na assembleia geral de 12 do corrente, de se convidar Sua Magestade para presidente de honra desta associação, por não julgarem oportuno e conveniente, para tal convite, o momento da recepção, tendo Sua Magestade encarregado á mesma comissão de expressar aos seus consocios os seus agradecimentos. Ultimado este assumpto foi concedida a palavra ao Sr. Silva Leal sobre a leitura do ultimo documento. Sua Ex.^a declarou que sentia profundamente o desejo manifestado na ultima parte da carta daquelle nosso illustre consocio, tanto mais que os seus conhecimentos de tachigraphia o tornavam competentissimo no exercicio do logar que pontual e distintamente tem desempenhado; e por isso propunha á assembleia a nomeação de dois socios que procurassem o Sr. Rocha Dias com o fim de o demover daquelle proposito, exprimindo nessa visita o sentimento e o pesar causado pela sua decisão.

Pediu em seguida a palavra o Sr. Visconde da Torre da Murta que declara associar-se á manifestação proposta pelo Sr. Silva Leal, tanto mais que o Sr. Rocha Dias tem prestado valiosos serviços á associação, tendo, entretanto, motivos para julgar que nada conseguirão e que não será facil demover do seu proposito o Sr. Rocha Dias.

É concedida depois a palavra ao Sr. Mendes Guerreiro que, iden-

ticamente, exprime o seu pesar pela decisão do Sr. Rocha Dias e que acaba por propôr, para a missão de o dissuadir do seu intento, os srs. Presidente, mosenhor Elviro dos Santos e o Sr. Silva Leal.

É aprovada esta proposta.

Em seguida o Sr. Presidente declara ir passar-se á ordem da noite e é dada a palavra ao Sr. Visconde da Torre da Murta, que lê com geral aplauso o seu relatorio, comunicando á assembleia muitas noticias interessantes ácerca das publicações recebidas.

Ultimada essa leitura, tomou a palavra o sr. presidente que disse ser para lamentar não poder o Sr. Visconde encarregar-se da factura de um relatorio de todas as occorrencias das assembleias geraes que julga de utilidade manifesta e, em seguida o Sr. José Alexandre Soares propõe um voto de louvor ao Sr. Visconde, que a assembleia aprovou por aclamação.

Pede ainda a palavra o Sr. Mendes Guerreiro lembrando que o relatorio seja publicado, como continua, no boletim da Associação.

O Sr. Visconde da Torre da Murta, usando ainda da palavra, propõe que se officie ao digno socio Tito Benevenuto Lima de Sousa Larcher, residente em Leiria, para que naquella cidade se institua uma delegação da Associação, visto ali residirem o numero de socios preceituado pelo respectivo regulamento.

É aprovada esta proposta.

Seguidamente é dada a palavra ao Sr. Ernesto da Silva, digno thesoureiro desta associação, que declara ignorar se deve ou não apresentar o relatorio das contas do anno civil proximo passado, visto que na convocação da assembleia se não fala em tal.

Manifestando-se a assembleia no sentido de atender a leitura desse documento, o sr. Presidente pede licença para antes della, communicar aos socios presentes o conteúdo de um officio dirigido a esta Associação pelo «Comité Permanent des Congrès Internationaux des Architectes», solicitando se nomeie um delegado desta associação para fazer parte da comissão executiva do referido Congresso que vae reunir-se em Viena de Austria. Depois de varias explicações sobre a natureza dessa comissão, feitas pelo digno socio Sr. José Alexandre Soa-

res, propõe este senhor, com aprovação da assembleia, seja nomeado o Sr. Costa Campos.

Tendo-se assim ultimado a ordem da noite e não havendo mais ninguém que, sobre os assumptos della, pedisse a palavra, o Sr. Ernesto da Silva, principia a leitura do seu relatório, tão claro como perfeito. Finda ella é, em seguida, aprovado por aclamação um voto de louvor ao Sr. Ernesto da Silva, proposto pelo Sr. Mendes Guerreiro.

Toma depois a palavra o Sr. Presidente, annunciando ir-se proceder á eleição da Comissão Revisora de Contas para o proximo anno e são, seguidamente, eleitos, por proposta do Sr. Mena, os Srs. Silva Leal, Julio Ferreira e Visconde da Torre da Murta.

Com visível satisfação da assembleia o Sr. Presidente declara já ter, a Camara Municipal desta cidade, a verba necessaria para subsidiar a continuação da publicação dos *Annaes do Municipio*, do Sr. Freire de Oliveira, e comunica a boa nova de que em Braga se trata afincadamente da restauração do antigo pelourinho da cidade e do restauro e colocação de alguns dos marcos miliarios das Carvalheiras, como se vê por um artigo do «Comercio do Minho» de 25 de janeiro, proximo passado, artigo que sua Ex.^a lê, para melhor elucidação.

O Sr. Presidente chama ainda a atenção da assembleia para outro artigo inserto no jornal «O Seculo» de 19 do corrente em que se anuncia a proxima remoção de alguns azulejos antigos, existentes no velho collegio dos orfãos, á Moiraria, para as escadas do novo edificio do governo civil, pedindo á assembleia que resolvesse o melhor modo de obstar a essa remoção, prejudicial decerto para a conservação dos mesmos azulejos. Foi decidido, por proposta do Sr. Mena, officiar-se á comissão dos Monumentos Nacionaes.

Pede ainda a palavra o Sr. Mena que inquire da mesa se alguns socios deram a sua demissão, como lhe constara, ao que o Sr. Presidente redargue não ter conhecimento de tal facto e, como não houvesse mais assumptos a tratar, foi encerrada a sessão ás 10 horas e três quartos da noite.

O Secretario

GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA.

ACTA N.º 31

Sessão de Assembleia geral em 13 de Março de 1908.

Presidente o Ex.^{mo} Sr. Rosendo Carvalheira.

Secretario o Ex.^{mo} Sr. Victor Ribeiro.

Foi aberta a sessão ás 9 horas da noite estando presentes, além da mesa, os dignos socios Srs. Leite de Vasconcellos, José Queiroz, Antonio Cesar Mena Junior, Francisco Soares O'Sulivand, Jesuino Arthur Ganhado, Monsenhor Elviro dos Santos, Sebastião da Silva Leal, M. da Cunha Brandão, João Rodrigues Fernandes, Julio Augusto Ferreira, Dr. Arthur Lamas, Gustavo de Matos Sequeira, Ernesto da Silva, Alfredo da Cunha e J. V. Mendes Guerreiro e sendo o signatario desta convidado a ocupar o logar de 2.º secretario deu-se principio á leitura da acta antecedente a qual foi approvada.

Em seguida o Sr. Presidente declara ir entrar-se na ordem da noite, communicando previamente á Assembleia o sentido pesar que lhe causára o pedido de demissão feito pelo Sr. Rocha Dias de quem faz um rapido elogio. Desculpa-se da demora havida na convocação da assembleia, solicitada por uma carta que recebera do digno socio Monsenhor Elviro dos Santos e motivada pelos seus muitos trabalhos. Declara tambem ter tomado conhecimento de um officio do vice-secretario, Sr. Victor Ribeiro, em que este Sr. lhe participava a impossibilidade absoluta de substituir o Sr. Rocha Dias; e, por todas estas razões, determinára convocar a mesma assembleia o que só hoje poude fazer, tendo tambem concorrido para esta dilacção o facto de ter desejado encontrar-se primeiramente com o secretario demissionario, o que não conseguira, no intuito de chegar com elle a um acôrdo.

Em seguida dá sua Ex.^a a palavra a Monsenhor Elviro dos Santos, para que este digno socio communicasse á assembleia o resultado da missao de que fôra incumbido junto do Sr. Rocha Dias.

Toma a palavra este nosso digno consocio que expõe á assembleia

como a comissão se houve no seu mandato, tendo alcançado apenas, em tres quartos que durou a conferencia com aquelle senhor, a convicção de que nada o poderá demover do seu intento. Como sua Ex.^a desejasse dar conhecimento do resultado obtido pela comissão, de que foi um dos membros, escrevera ao Sr. presidente a carta a que este sr. já se referira. Declarou-lhes, porém, o Sr. Rocha Dias, a elle, orador, e ao Sr. Silva Leal, que continuaria a ser socio e a cuidar do boletim da associação.

Usa seguidamente da palavra o Sr. Presidente que diz ter encontrado nas palavras do Monsenhor Elviro dos Santos uma noticia consoladora e era ella que o Sr. Rocha Dias continuaria a prestar-nos, como socio, os valiosos serviços, cuja falta muito seria para lastimar. Cabe entretanto á mesa decidir sobre o seu pedido de demissão, isto é, sobre se deve ou não preencher-se a vaga de secretario, competindo pois á assembleia esclarecel-a neste caso especial.

Como ninguem pedisse a palavra, o Sr. presidente declara ir proceder-se ao preenchimento da vaga conforme a lei organica da associação.

Nesta altura pede a palavra o Sr. Ganhado que diz opinar ainda por uma outra tentativa; e, sem querer julgar menos zelosa e convincente, no cumprimento do seu mandato, a comissão eleita pela ultima assembleia geral, recordando um velho ditado sempre animador em face de resistencia, lembra a nomeação de uma segunda comissão.

Seguidamente pede a palavra o Sr. O'Sulivand. Pensa tambem como o Sr. Ganhado, que é cedo para desistir, mas diverge da sua opinião, com respeito á forma como envidar os ultimos esforços.

A comissão nomeada foi competente e desempenhou cabalmente o seu papel; diz ignorar o motivo da saida do Sr. Rocha Dias, cujos meritos indiscutíveis exalta, classificando-o como uma utilidade intelligente e como um benemerito da associação. E' pois em attenção a tudo quanto colectivamente lhe devemos, diz sua Ex.^a, que solicita ao Sr. Presidente seja' elle o interprete do nosso sentir junto do Sr. Rocha Dias e que tente sua Ex.^a com a sua boa vontade um derradeiro esforço.

O Sr. Presidente, felicitando-se pela ideia do Sr. O'Sulivand, diz que ninguem deixará de prestar homenagem ao Sr. Rocha Dias que, tendo a fé das coisas desinteressadas, era um *caróla* no sentido mais

subido do termo e uma escórá preciosa contra as divergencias de momento. Da vantagem dos seus especiaes conhecimentos tachigraficos são sobejas provas as actas, por elle elaboradas, onde ha pontos historicos acentuados precisamente. Protestando embora contra a demasiada confiança na sua influencia junto do sr. Rocha Dias, sua Ex.^a diz ir queimar os ultimos cartuxos; e se poder demovel-o sentir-se-ha feliz e julgará ter prestado á associação um valioso serviço. Continuando no uso da palavra, o sr. Presidente pede ainda á assembleia que se manifeste. Como ninguem pedisse a palavra, sua Ex.^a dirigindo-se ao sr. Mendes Guerreiro insiste para que aquelle nosso digno consocio oriente e elucide a mesa sobre o assumpto que se discute, com a sua autorisada palavra e a experiencia dos seus annos.

O Sr. Mendes Guerreiro, agradecendo o apêllo feito á sua opinião, julga ser mais conveniente não se tomar, por ora, nenhuma resolução definitiva e pensa que o insistir mais uma vez será como uma satisfação que lhe daremos. Antes que a sua substituição fosse, como é de crer, por uma pessoa não menos valiosa e zelozá, a sua falta pesar-nos-ia ainda como se uma pessoa de familia nos faltasse e conclue dizendo que aprova a ideia do sr. O'Sulivand e julga um justo acto de deferencia para com o Sr. Rocha Dias, de que, indiscutivelmente, lhe somos devedores.

O Sr. Presidente agradece a amabilidade do sr. Mendes Guerreiro e parecendo-lhe que a opinião de sua Ex.^a é a dominante na assembléa põe á votação a proposta do sr. O'Sulivand que é, em seguida, aprovada por aclamação.

Passa-se em seguida á 2.^a parte da ordem da noite e o sr. Victor Ribeiro lê o parecer da secção de arqueologia sobre os alvitres do digno socio correspondente o sr. Tito Benevenuto Lima de Sousa Larcher.

Finda a leitura, é posto á discussão o parecer que a assembleia aprova.

Lê depois ainda o sr. Victor Ribeiro um officio da Direcção Geral de Instrução Publica convidando a associação a enviar um seu representante ao congresso de arqueologia, que vai reunir-se no Cairo na semana santa do anno proximo futuro. Sobre este assumpto toma a palavra o sr. Presidente que chama a atenção da assembleia para a extrema importancia deste documento. É uma distincção que não só é

preciso agradecer, diz sua Ex.^a. Por todos os motivos devemos representar e por isso vae constituil-o em base da discussão solicitando á assembleia que oriente a mesa visto ser este caso um simples expediente della e não um assumpto para levar ás commissões.

Parece-lhe, a elle orador, que escusarmo-nos a essa representação seria deploravel e afigura-se-lhe que talvez tenhamos um optimo ensejo de o fazermos se uma feliz coincidencia levasse o sr. Mendes Guerreiro, distintissimo egiptólogo, a esse pais, por ocasião do congresso, onde, deste modo, ficaríamos excelentemente representados.

Lembra ainda sua Ex.^a, não se podendo dar esse propicio caso, outro recurso de que se pode lançar mão, e que seria nomear nosso representante uma das entidades consulares ou diplomaticas que previamente se elegeria nosso consocio.

Pede a palavra o sr. Mendes Guerreiro que, agradecendo as palavras amaveis do sr. Presidente e o acolhimento a ellas feito pela assembleia, declara não poder, provavelmente, ir ao Cairo representar a associação mas, como julga que essa representação não deve deixar de fazer-se, lembra á assembleia que a existencia dos tribunaes mixtos no Cairo nos poderá fornecer outro ensejo de ahi termos um condigno representante. Tanto o sr. Pereira da Cunha como o Sr. Larcher são individuos ilustradissimos, que decerto se honrariam com similhante encargo, o ultimo dos quaes até já tem escrito sobre o Egipto algumas coisas interessantes. Qualquer delles nos poderá representar e não o devemos fazer só por mera formalidade, diz sua Ex.^a, por quanto se ha terra que interesse conjuntamente o arquiteto e o arqueologo, é o Egipto onde a architettura nasceu e onde se encontram os monumentos mais antigos que o mundo possui, em regular estado de conservação.

Nesta altura pede a palavra o sr. Victor Ribeiro que diz ser sua opinião, em vista das propostas feitas, officiar-se ao ministerio do Reino, comunicando que a assembleia resolveu representar-se no congresso, reservando para mais tarde a eleição do seu representante. O Sr. Mendes Guerreiro, pedindo a palavra, lembra ainda para essa missão o sr. dr. Leite de Vasconcellos, que agradece, declarando ser-lhe tambem naturalmente impossivel aceitar esse mandato.

Ultimada a ordem da noite declara o sr. Presidente que é occasião de se tratarem e resolverem alguns assumptos interessantes e con-

vida a assembléa a fazer as suas propostas e communicações. Antes disso, porém, pedia permissão á mesma assembleia para, com elle, se congratular pela presença do digno socio sr. Alfredo da Cunha, facto este que julga, elle orador, como prenuncio de uma boa frequencia futura que vai por certo beneficiar a associação, lamentando o afastamento de tão prestimoso socio, autor do excelente elogio do imperador do Brazil que foi uma verdadeira peça litteraria por elle produzida. Felicitou ainda o Sr. Presidente o signatario da acta anterior, pela sua redacção e em seguida o sr. Secretario Victor Ribeiro lê a primeira das três propostas do nosso digno consocio Monsenhor Elviro dos Santos, que se achavam sobre a mesa.

Com referencia á primeira proposta, que versava sobre a opposição de uma lapide, existente na Camara Municipal, n'um predio da rua do arco do marquês de Alegrete, estabeleceu-se a discussão na assembleia, tendo primeiro tomado a palavra o sr. Presidente que declarou julgar conveniente, antes de tal proposta ser remetida á secção, ser a mesa previamente orientada.

Pede a palavra o sr. Ganhado que deseja elucidar a assembleia quanto ao assumpto da proposta. É de toda a justiça que se mencione, diz sua Ex.^a, que o sr. Monteiro, arquiteto da Camara, tem empregado todos os esforços para que a lapide seja colocada, obstando a isso o proprietario, alegando não sabe que motivos. Este assumpto julga o mesmo orador, já ter sido tratado em tempo n'uma assembleia da associação e até, se está bem lembrado, se decidiu, não sendo exequivel a opposição, fosse a lapide removida para o nosso museu ao que o sr. Monteiro respondera que tinha toda a ideia de a mandar colocar. O Sr. presidente tomando então a palavra, diz parecer-lhe estar já a assembleia sciente do que ha a fazer e que a secção competente informará como julgar melhor.

Pede palavra Monsenhor Elviro dos Santos. Declara que a inscripção é enorme e que o perigo de se perderem algumas das pedras que a compõem reclama que o assumpto seja tratado urgentemente, entrando a seguir no uso da palavra o sr. O'Sulivand que lhe parece não ser precisa a remessa da proposta para a secção de arqueologia visto que o proponente é o seu presidente, ao que o sr. Presidente da assembleia redargue que julga isso mais uma razão para lá ir informar, declarando o sr. O'Sulivand que dado o caso que o proprietario do predio continue a obstar á collocação da inscripção, seja esta aposta no arco.

Fala ainda o sr. Presidente e diz que dado que o proprietario se negue, no seu legitimo direito de propriedade, não vê razão para que o proprietario do arco se não negue tambem. Sua Ex.^a pondera ainda á assembleia que sendo a inscripção um monumento local, deslocar-lo seria um desserviço e um vandalismo, parecendo-lhe, por isso, que é mister recomendar insistentemente á Camara que force os proprietarios a conservar esses monumentos.

Os srs. Elviro dos Santos e Ganhado fazem ainda diferentes considerações elucidando a Assembleia quanto á primitiva colocação da lapide, declarando este ultimo senhor que lhe parece que na informação dada pela Camara, para a construcção do predio novo, edificado no lanço da muralha onde estava a inscripção, o sr. arquiteto da Camara impozera como obrigação a colocação e conservação daquella lapide. Findos estes esclarecimentos, resolveu-se enviar á respectiva secção a proposta de Monsenhor Elviro dos Santos.

Seguidamente o sr. Secretario Victor Ribeiro passou a ler a segunda e terceira propostas, que versavam respectivamente sobre a comemoração lapidar do regicidio e do incendio da rua da Madalena, finda a qual leitura declarou o sr. Presidente estarem ambas á apreciação da assembleia, não podendo deixar de fazer sobre ellas algumas considerações, que julga do seu dever e da sua competencia como presidente da mesa. Respeita a lapide como registo de um facto, diz sua Ex.^a, e nessa missão ella merece o entranhado affecto dos archeologos, mas só quando esses factos succediam em tempo em que não havia outros processos de comemoração. Hoje, continua ainda o orador, o aperfeiçoamento da fotografia e das artes gráficas dispensa e substitue essa comemoração do passado e o facto succede-se e documenta-se logo por esses mil processos. Além disso, pensa Sua Ex.^a, ha factos que se fosse possivel risca-los da historia bem melhor seria, mas tendo elles de ficar gravados, não vamos nós exagerar notas e pontos politicos que poderão servir de base a apreciações malévolas. Consintamos que o inevitavel se registre pela sua forma inevitavel e praza a Deus, continua sua Ex.^a, que o bom senso dos historiadores saiba apreciar o facto sem o adulterar. Não é pois da sua opinião que se comemore o regicidio. A assembleia dirá a sua, mas não pode deixar de lhe mostrar que a perpetuação lapidar lançar-nos-ia por caminhos perigosos da politica e nós, conclue sua Ex.^a, deviamos ser alheios a ella.

Pede a palavra o sr. Ganhado e diz que o intervir nesse assumpto

não está no espirito da associação a qual sahiria do seu papel exigindo do governo ou da Camara a collocação da projectada lapide.

Monsenhor Elviro dos Sontos, pedindo a palavra, defende a sua proposta sentindo discordar dos oradores precedentes e declara achar extranho que uma associação que tem o titulo de *Real* se manifeste desta maneira. Comemorações deste genero, diz sua Ex.^a, fazem-se em toda a parte. Alguem já alvitrou a construção de uma capella no sitio aonde el-rei e o principe foram assassinados. Elle, orador, não vai tão longe e limita-se a sustentar a sua proposta, pedindo que seja remetida á secção competente e extranhando que o sr. Presidente traga á discussão da assembleia assumptos cuja apreciação pertence a uma secção especial.

O sr. Presidente tomando a palavra, diz julgar do seu dever não deixar passar pela mêsa nenhuma proposta sem a elucidação devida. Não o fazendo tornará a mesma mêsa como um simples ponto de passagem das proposts feitas nas assembleias geraes. Julgando perigosa a acceitação da proposta cabe-lhe, entende elle orador, a obrigação de patentear esse perigo.

Pede a palavra o sr. Victor Ribeiro que expõe, sobre o assumpto, a sua opinião e julga que ambas as propostas estão fóra do espirito da associação.

A 1.^a corresponde á discussão de um acto meramente politico, descabida n'uma associação, como a nossa, onde podem haver socios de todas as cores politicas, e onde, a par do sacerdote illustre, como o auctor da proposta, se podem encontrar outros libertos de todas as crenças. Só pela arte e pela sciencia, entende elle orador, nos devemos manifestar e apenas nos é proprio defender os interesses da arqueologia e da historia da arte. Com referencia á outra proposta, parece-lhe tambem estar como a primeira, fóra do interesse que nos reúne aqui.

Toma de novo a palavra o sr. Presidente, que insiste no ponto já tratado de não deixar passar pela mêsa nenhum documento sem o parecer e sem a elucidação da assembleia. Para isso o elegeram e para isso está ali e quando a assembleia entender que elle, orador, sae fóra da esfêra da acção que lhe faculta a lei organica da associação, que o demitam. Emquanto ali estiver, hade cumprir o que julgar do seu dever.

Nesta altura o digno socio sr. Ganhado, declara que em sua opi-

nião, não há secções onde, competentemente as propostas vão a informar, em seguida ao que Monsenhor Elviro dos Santos, digno socio proponente, declara retirar as propostas mencionando e lamentando o facto de haver, nesta associação, criterios de occasião, perfeitamente diversos uns dos outros, ao que o sr. Presidente redargue ter feito sua Ex.^a, nessas palavras, o elogio de todos os associados.

Ultimado este incidente, Monsenhor Elviro dos Santos propõe que se lance na acta um voto de sentimento pelo falecimento do filho do nosso digno consocio sr. Visconde de Mira Vouga e a seguir o sr. presidente, tendo feito préviamente o elogio do finado, põe tal proposta á aprovação da assembleia.

É aprovada.

O digno presidente toma então novamente a palavra e expõe á assembleia o seu desejo de iniciar uma campanha, a ver se a associação consegue, e isso seria um titulo de gloria para ella, salvar de uma talvez proxima ruina o convento de Santa Clara de Coimbra. Sugeriu-lhe esta ideia, continua o mesmo senhor, a leitura de um artigo de Augusto Filipe Simões, primorosamente escrito e que profundamente o impressionára. O velho convento está cada vez mais soterrado nas areias do Mondego. As nossas repartições hydraulicas, aliás competentes, parece nada terem feito ainda; mas nós, diz sua Ex.^a, não devemos assistir de braços cruzados a esse desaparecimento, antes, pelo contrario, devemos envidar os nossos esforços para que se reponha o edificio tal qual era, por meio de uma barragem em torno delle. Acha sua Ex.^a este assumpto deveras interessante e julga tempo de levantar esta campanha, porque o edificio reposto na sua integridade primitiva honrar-nos-ia mais do que um milhão de lapides comemorativas.

A nossa cooperação na honrosa iniciativa de alguns coninbricenses illustres que tanto tem trabalhado, fazem convergir nesse ponto mil circumstancias favoraveis e não se julgue, diz sua Ex.^a, de uma difficuldade suprema essa barragem, por quanto em Roma, não ha muito, fez-se uma substrutura abaixo do nivel do Tibre e a planta do edificio primitivo está quasi a descoberto. Nestas iniciativas civilizadoras e edificantes, conclue sua Ex.^a, devemos inspirar-nos e reposto o edificio os estrangeiros, que fetchistas do monumento passam inelemencias em busca de um padrão que lhe invoque o passado, acorrerão a visita-lo,

ficando essa obra não só interessante sob o ponto de vista archeologico como tambem benéfica, sob o ponto de vista economico.

Pede seguidamente a palavra o 1.º secretario sr. Victor Ribeiro que comunica á assembleia varias noticias interessantes sobre as restaurações a que se procede em Coimbra, que está sendo a nossa primeira cidade sob o ponto de vista archeologico, devido á benemerita iniciativa do sr. Bispo Conde e dos srs. Antonio Augusto Gonçalves e Martins de Carvalho, colaboradores da *Resistencia*, jornal, cuja remessa, elle orador entende da maior utilidade, solicitar-se á respectiva redação. O mesmo sr. continuando no uso da palavra refere-se á restauração dos marcos miliarios bracarenses, assumpto sobre o qual o signatario desta oferece algumas informações sobre o que resolvera na sessão anterior, e termina propondo se officie á delegacia, desta Associação, em Braga, chamando a sua atenção sobre o estado em que se encontre o tumulo de Egas Moniz, na Igreja de Paço de Sousa.

Pede depois a palavra o digno socio sr. Alfredo da Cunha, que começa por felicitar o sr. Presidente pela lembrança da restauração de Santa Clara de Coimbra. Crê que o livro a que sua Ex.^a se referiu foi escrito ha bastante tempo e de ahi infere o estado de ruina em que o edificio se deve achar, declarando tambem estar de acordo com a proposta do sr. Victor Ribeiro sobre a remessa para esta Associação da *Resistencia* de Coimbra. Antes de concluir, diz sua Ex.^a, cumpre-lhe ainda agradecer as palavras do sr. Presidente a cuja amabilidade de ha muito está habituado e conjuntamente á assembleia que as saudou. A razão da sua presença continua o orador, prende-se ainda com a demissão do sr. Rocha Dias. Chocou-o essa noticia e sente que a primeira vez que vem a uma sessão da assembleia, depois de longa ausencia, seja aquella de onde elle sae para talvez não mais voltar. Sua Ex.^a conclue rogando ao sr. Presidente empregue todos os seus esforços no sentido de o dissuadir do seu proposito.

Neste ponto pede a palavra o sr. Ganhado, para que a mesa o elucide sobre o assumpto da remoção dos azulejos que ornam o velho collegio dos orfãos, á Mouraria, respondendo-lhe o signatario desta que se officiára, como fora proposto na sessão anterior, á Commissão dos Monumentos Nacionaes.

Seguidamente o sr. O'Sulivand felicita o sr. Presidente pela for-

ma como dirigiu os trabalhos da assembleia e insta ainda para o mesmo senhor tentar demover o sr. Rocha Dias.

Sua Ex.^a o sr. Presidente agradece, e lamenta os factos que o levaram a exaltar-se, afiançando mais uma vez o seu proposito de proceder como entenda e ache conveniente no desempenho da missão que a assembleia lhe confiou.

O sr. Victor Ribeiro, pedindo a palavra, lembra ainda que o sr. Alfredo da Cunha empregue a sua influencia junto do sr. Rocha Dias, ao que este sr. redargue que não teria duvida em faze-lo, se o insuccesso de uma commissão já nomeada e a eleição do sr. Presidente para efectuar novas diligencias, não tornassem incorrecta essa sua maneira de proceder.

Pede ainda a palavra o sr. dr. Arthur Lamas que propõe á assembleia tomar-se já uma resolução definitiva, não aceitando o pedido de demissão do sr. Rocha Dias e nomeando um secretario provisorio, visto que os motivos por elle alegados podem admittir essa resolução. A esta proposta responde o sr. Presidente, julgar melhor esperar-se pelo resultado das suas diligencias o que a assembleia aprovou, pedindo ainda a palavra o signatario desta que agradece as palavras amaveis, aliás imerecidas, do sr. Presidente com referencia á factura da acta da sessão anterior, tanto mais que é a primeira vez que exerce este logar e faz votos para que sua Ex.^a seja bem sucedido nos seus esforços junto do sr. Rocha Dias, pois elle, orador, encontra-se com motivos especiaes para desejar mais do que ninguem a volta de quem incompetentemente está substituindo.

Seguidamente o sr. Presidente, não havendo mais assumptos a tratar, encerrou a sessão.

Eram onze horas e dez minutos da noite.

O Secretario

GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA.



APPENSO

AO

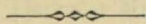
BOLETIM DA REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

TOMO XI—N.º 6

Monographias e outras obras referentes a varias localidades e monumentos
do continente de Portugal.



- 1 Aguas (As) d'Elvas—Antonio dos Santos Cidraes (Elvas, 1904).
- 2 Aguas (As) de Melgaço. Noticia historica e pratica. (Valença, 1896).
- 3 Aguas (As) mineraes de Cabeço de Vide. Esboço historico administrativo—Conselheiro José Silvestre Ribeiro.
- 4 Aguas (As) mineraes de Longroiva—José Pinto Rebello de Carvalho.
- 5 Aguas (Guia das) mineraes dos Cucos (1892).
- 6 Aguas (Memoria e estudo chimico sobre as) mineraes e potaveis de Unhaes da Serra—dr. Antonio Joaquim Ferreira da Silva—Contém «Breves noções corographicas»—Joaquim Ferreira Moutinho. (Publicação da Camara Municipal da Covilhã).
- 7 Aguas minero-medicinaes de Portugal—Dr. Alfredo Luiz Lopes.
- 8 Album artistico de Portugal (1898).
- 9 Album de producções litterarias («Dae aos pobres») para o bazar em beneficio do asylo lamecense de mendicidade (1885).
- 10 Album ou mappa demonstrativo de todos os templos de Regulares e Parochias existentes na cidade de Lisboa até ao anno de 1833 com toda a alteração que tem tido posterior a esta epocha—L. Gonzaga (1836).
- 11 Album viziense. Publ. mensal, litteraria e artistica, que principiou em fevereiro de 1884.—Dir. litter., Cesar Augusto de Almeida. Dir. artist.—José de Almeida e Silva.
- 12 Alcobaça; melhoramentos industriaes—José de Torres (1861).
- 13 Alcobaça illustrada...—Fr. Manuel dos Santos (Coimbra, 1710).
- 14 Alemquer e o seu concelho—Guilherme João Carlos Henriques (2.^a edição).
- 15 Alemtejo (O) historico, religioso, civil e industrial—A. F. Barata (1893).
- 16 Alfandega da Fé ou Breve estudo feito ácerca desta villa de Portugal—João Manuel d'Almeida Moraes Pessanha (Bragança, 1897).
- 17 Algumas noticias para a descripção historica dos logares de Alcaíça, Malveira, e Carrasqueira, do conc. de Mafra—José Joaquim d'Ascensão Valdez.

- 18 Algumas noticias ácerca do sumptuoso templo de N. S.^a do Monte do Carmo—F. M. de M.
- 19 Allegaçam historica e juridica a favor do concelho e povo da villa de Barbacena. —Manuel Alvares Solano do Valle (1736, folh. 59 pag.).
- 20 Almada («Embrechados»)—Conde de Sabugosa (1908).
- 21 Almanach auxiliar para 1897.
- 22 Almanach Bertrand.
- 23 Almanach da cidade do Porto para o anno de 1844-45—Domingos José Villela.
- 24 Almanach da cidade do Porto e Villa Nova de Gaya para o anno de 1848.
- 25 Almanach da «Folha de Torres Vedras».
- 26 Almanach de Coimbra para os annos de 1858 e 1859.
- 27 Almanach de Lisboa; conhecido pela designação de Almanach da Academia (desde 1782).
- 28 Almanach de Vianna e seu districto.
- 29 Almanach estatistico de Lisboa (1837 e segg.)
- 30 Almanach historico para o anno de 1856.
- 31 Almanach illustr. da parceria A. M. Pereira.
- 32 Almanach Palhares.
- 33 Anciães (A villa de)—Folhetins de Ignacio Vilhena Barbosa no «Commercio do Porto», 1872.
- 34 Annaes da Academia de Estudos Livres.
- 35 Annaes da Sociedade Archeologica Lusitana, 1850.
- 36 Annaes do Municipio de Lisboa.
- 37 Annaes do Municipio de Sant'Yago de Cassem—rev. Antonio de Macedo e Silva, prior d'Abella (1866-1869).
- 38 Annotações á «Historia breve de Coimbra» (1873).
- 39 Annuario almanach commercial da industria, magistratura e administração—J. J. Caldeira Pires.
- 40 Annuario do concelho da Covilhã—J. Camillo Ribeiro (1895).
- 41 Antiguidade da sagrada imagem de N. S.^a da Nazareth. Grandezas de seu sitio, casa e jurisdicção real, sita junto á villa da Pederneira—Manuel de Brito Alam (Lisboa, 1634-1637).
- 42 Antiguidades. I. Resultado de explorações feitas nos arredores de Castello Branco em Setembro e Outubro de 1903—F. Tavares Proença, alumno da faculdade de direito.
- 43 Antiguidades da cidade de Beja e da sua fundação—José Gago da Silva.

- 44 Antiguidades da mui nobre cidade de Lisboa, emporio do mundo e princeza do mar Oceano—Antonio Coelho Gasco.
- 45 Antiguidades da villa de Ourem e suas grandezas—Belchior do Rego de Andrade.
- 46 Antiguidades de Entre Douro e Minho—Dr. Barros.
- 47 Antiguidades de Evora—Diogo Mendes de Vasconcellos.
- 48 Antiguidades de Mafra—S. P. M. Estacio da Veiga. Na «Hist. e Mem. da Acad. R. das Sciencias de Lisboa», t. v, p.º I, nova série.
- 49 Antiguidades de S. Martinho de Mouros, concelho de Rezende—Mello e Faro.
- 50 Antiguidades de Villa Real (Ms. existente no archivo da Camara deste concelho).
- 51 Antiguidades de Villa Viçosa—Belchior do Rego de Andrade.
- 52 Antiguidades do concelho do Sabugal—Joaquim Manuel Corrêa («Archeol. Português», xi).
- 53 Antiguidades do moderno concelho de Villa Franca de Xira—Lino de Macedo.
- 54 Antiguidades do Porto—Simão Rodrigues Ferreira.
- 55 Antiguidades monumentaes do Algarve. Tempos prehistoricos—Sebastião Philippes Martins Estacio da Veiga.
- 56 Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira. Mem. offer. ao Instituto de Coimbra.—Dr. Antonio dos Santos Rocha.
- 57 Antiguidades, rendimentos, padroados, privilegios e prerogativas do tão antigo como nobre mosteiro de Cette—Luis Barbosa Leão Coelho Ferraz (Porto, 1895, 24 pag.).
- 58 Antiquario (O) conimbricense—Manuel da Cruz Pereira Coutinho (Coimbra, Impr. da Universidade, 1841-43, 4.º).
- 59 Apontamentos ácerca da muito antiga villa de Soure—José S. Pereira («Instituto» de 1874).
- 60 Apontamentos ácerca da villa de Soure—José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello Branco.
- 61 Apontamentos archeologicos—Diogo Kopke.
- 62 Apontamentos de geologia agricola—Filippe de Figueiredo.
- 63 Apontamentos de uma visita á serra da Estrella no mez de agosto de 1875—Lourenço Justiniano da Fonseca e Costa (Lisboa, 1875).
- 64 Apontamentos genericos sobre os objectos mais notaveis do districto de Braga e dignos de attrahir a attenção de SS. MM. e AA. na sua visita ao mesmo districto em 1852—Dr. José Joaquim da Silva Pereira Caldas.

- 65 Apontamentos históricos sobre Leiria—Tito Benevenuto Lima de Sousa Larcher (Folhetins no «Primeiro de Dezembro», n.º 2 e segg.—1900 e 1901).
- 66 Apontamentos históricos do sanctuario de N. S.^a do Bom Despacho em Cervães, conc. de Villa Verde—Padre J. J. da Silva Bacellar (Braga, 1898).
- 67 Apontamentos para a historia da cidade do Porto, juntos e coordenados por J. M. P. Pinto (Porto, 1869).
- 68 Apontamentos para a historia da villa do Peso da Regua—José Affonso de Oliveira Soares (Porto, 1902).
- 69 Apontamentos para a historia da villa e concelho de Cascaes—Pedro Lourenço de Seixas Borges Barruncho (1875).
- 70 Apontamentos para a historia da villa e freguezia da Lourinhã.
- 71 Apontamentos para a historia do concelho do Fundão—José Germano da Cunha.
- 72 Apontamentos para a historia topographica de Penafiel—Simão Rodrigues Ferreira («Seculo XIX», jornal de Penafiel, 1864-65).
- 73 Apontamentos para a monographia de Villa Nova de Portimão—Padre J. Gonçalves Vieira («Diario de Noticias», 13672, 1903).
- 74 Apontamentos sobre a topographia medico-pharmaceutica da villa de Mirandella—José Silverio Rodrigues Cardoso.
- 75 A proposito da «Monographia de Castello Branco»—José Germano da Cunha.
- 76 Archeologia artistica—Joaquim de Vasconcellos.
- 77 Archeologia christã—Albano Bellino.
- 78 Archeologia religiosa. Noticia dos ultimos conventos de religiosas no Porto—Padre Francisco José Patricio (Porto, 1892).
- 79 Archeologia religiosa. A Sé velha de Coimbra—A. M. Seabra de Albuquerque (Coimbra, 1889).
- 80 Archeologo Português—Director, Dr. José Leite de Vasconcellos.
- 81 Architectura manuelina—Joaquim de Vasconcellos.
- 82 Architectura (A) religiosa na Idade Média—Augusto Fuschini.
- 83 Archivo da Camara Municipal de Lisboa.
- 84 Archivo (O) da Torre do Tombo (sua historia, corpos que o compõem e organisação)—Pedro A. de Azevedo e Antonio Baião (1905).
- 85 Archivo dos Municipiõs Portuguezes.
- 86 Archivo historico de Portugal. Narrativa da fundação das cidades e villas do reino, seus brazões d'armas, etc.

- 87 Archivo Historico Portuguez — Directores, Anselmo Braamcamp Freire e D. José Pessanha.
- 88 Archivo Pittoresco. Semanario illustrado.
- 89 Archivo universal.
- 90 Arrabida (notas)—Arnaldo da Fonseca («Revista Illustrada», 1890, pag. 112).
- 91 Arrifana de Sousa, illustrada—Padre João de Meyrelles Beça.
- 92 Arte (A) e a Natureza em Portugal. (Edição Biel, com estampas).
- 93 Arte portugueza. Revista illustrada de archeologia e arte moderna—Gabriel Pereira.
- 94 Artes e industrias metallicas em Portugal. Minas e mineiros.—Dr. Sousa Viterbo (1904).
- 95 Artes e lettras. Revista illustrada.
- 96 As alagoas da Serra da Estrella—Alexandre de Abreu Castanheira (Lisboa, 1836).
- 97 Asylo (O) de N. S. da Esperança de Castello de Vide, para ceegos de ambos os sexos—A. M. do Couto Monteiro.
- 98 À travers Lisbonne (Cintra-Cascaes)—E. Coelho (1898).
- 99 Através a cidade de Evora—Caetano da Camara Manuel (1901).
- 100 Através dos campos. Usos e costumes agricolas alemtejanos (concelho de Elvas)—José da Silva Picão (1903).
- 101 Autobiographia de Joaquim Moutinho dos Santos, doutor em medicina, seguida dum Epilogo chronologico á Historia da freguezia d'Agua Santa, publicada em 1877 (Porto, 1894).
- 102 Balineum luso-romano de S. Vicente do Pinheiro—J. T. R. Fortes Junior (Porto, 1902).
- 103 Batalha (A). Memoria dirigida ao Conselheiro Emygdio Navarro, seguida de uma noticia ácerca do estudo deste monumento em 1876 por um portuguez obscuro (Gomes de Brito)—Lisboa, 1884.
- 104 Beja no anno de 1845 ou primeiros traços estatisticos daquelle cidade—José Silvestre Ribeiro (Funchal, 1847. Com uma estampa lithographica da torre de Beja).
- 105 Bellezas de Coimbra—Antonio Moniz Barreto Côrte Real.
- 106 Bibliographia historica portugueza—Jorge Cesar de Figanière.
- 107 Bibliotheca Nacional de Lisboa—Gabriel Pereira (2 folh.).
- 108 Bibliothecas e archivos nacionaes—Gabriel Pereira.
- 109 Bispos Condes. Noticia da origem do titulo de Conde de Arganil de que usam os bispos de Coimbra—Augusto Mendes Simões de Castro (Coimbra, 1895).

- 110 Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes (com estampas).
- 111 Boletim da Sociedade Propaganda de Portugal Illustrado.
- 112 Bom Jesus (No) do Monte—Camillo Castello Branco.
- 113 Bom Jesus (No) do Monte—Manuel Pinheiro Chagas (Art. na «Gazeta de Portugal» de 3, setembro, 1864).
- 114 Bosquejo historico da Villa de Vallongo e suas tradições—Francisco José Ribeiro Serra (Santo Thyro, 1896).
- 115 Bosquejo noticioso sobre caminhos de ferro—Dr. Pereira Caldas.
- 116 Braga antiga e moderna—José Carlos d'Araujo Motta Junior (1898).
- 117 Braga em 1875—L. Vaz de Freitas.
- 118 Braga—Bom Jesus. Jornal commemorativo do centenario do assentamento dos primeiros alicerces do templo do Real Santuario. Numero unico. 1, Junho, 1884.
- 119 Branco e Negro. Semanario illustrado.
- 120 Brazil-Portugal. Revista quinzenal illustrada.
- 121 Brazões da sala de Cintra—Anselmo Braamcamp Freire.
- 122 Breve descripção topographica da villa de Alpedrinha—Jorge Gaspar de Oliveira Rollão.
- 123 Breve memoria ácerca da instituição das religiosas maltezas em Portugal—Dr. José Epiphanio Marques (Coimbra, 1899).
- 124 Breve memoria da egreja parochial de Maceira no concelho de Leiria—José Pereira da Costa (1900).
- 125 Breve memoria do seminario diocesano de Elvas—dr. José Pereira Paiva Pitta.
- 126 Breve memoria historica ácerca da velha Coimbra (1861).
- 127 Breve memoria historica da villa de Góes («Panorama photographico de Portugal»), vol. I e III.
- 128 Breve memoria historica do mosteiro de N. S. do Espinheiro, extra-muros de Evora—Antonio Francisco Barata (Evora, 1900).
- 129 Breve memoria historica sobre algumas antiguidades e prelados da Sé eborense—Bento Affonso Cabral Godinho (Coimbra, 1836).
- 130 Breve narração ácerca do Real Asylo de Invalidos Militares estabelecido em Runa—Fernando Luiz Pereira de Miranda Palha (Lisboa, 1842).
- 131 Breve noticia ácerca da direcção e estado actual do asylo de N. S. da Conceição em Lisboa (1860).

- 132 Breve noticia da origem e estabelecimento das crèches e da sua introdução em Portugal (1876).
- 133 Breve noticia da terra de Panoyas, cantão famigerado na antiguidade, do qual se formou a melhor parte da comarca de Villa Real—Fr. Francisco dos Prazeres Maranhão (Coimbra, 1836).
- 134 Breve noticia das differentes terras de Portugal por onde passam os caminhos de ferro—Francisco M. Henriques de Carvalho e Abilio de Macedo Lopes do Valle (Coimbra, 1867).
- 135 Breve noticia de Sines, patria de Vasco da Gama—Francisco Luiz Lopes (Lisboa, 1850).
- 136 Breve noticia do mosteiro de Santa Helena em Evora—Antonio Francisco Barata (1899).
- 137 Breve noticia do real templo e mosteiro de S. Vicente de Fóra e das pessoas reaes que nelle jazem—João Manuel Diniz de Oliveira Travassos.
- 138 Breve noticia ou fiel relação da dedicação do altar e igreja do Senhor Jesus da Pedra, junto á villa de Obidos, etc. (Lisboa, 1749).
- 139 Breve recopilção... da fundação, antiguidades e excellencia de Extremoz (Ms. 1271 da Bibl. pub. do Porto).
- 140 Breve relação da Santa Casa do Loreto com hum cathalogo de todas as joyas, pedras preciosas, peças de ouro e prata do seu riquissimo thesouro—D. Caetano de Gouvêa (1736).
- 141 Breves reflexões á «Historia Chronologica e critica da R. Abb. de Alcobça» por Fr. Fortunato de S. Boaventura—João Pedro Ribeiro.
- 142 Breves memorias da villa de Alcaçovas (1890).
- 143 Breves memorias para a historia e descripção de Ois do Bairro, no concelho de Anadia—José Joaquim de Ascensão Valdez («Instituto» de Coimbra, vol. 48.º, pag. 658 a 664).
- 144 Breves noticias da Universidade de Coimbra, contendo a sua fundação, e as varias mudanças locaes que soffreu, com um catalogo dos reitores que nella houve desde aquella fundação até o anno de 1772 («Jornal de Coimbra», n.º 71).
- 145 Brevissima noticia da parochial igreja de Santa Maria Magdalena da cidade de Portalegre—Dr. Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão (1858—4.º de 8 pag.).
- 146 Brindes do *Diario de Noticias* de Lisboa.
- 147 Bulletin archéologique (1895-1896).
- 148 Bussaco (No). Paysagens, descripções—Cardoso Gonçalves.

- 149 Bussaco (O)—Silva Mattos e Lopes Mendes.
- 150 Caldas de S. Jorge, concelho da Feira—Dr. Antonio F. P. da Motta (Porto, 1890).
- 151 Calix (O) de ouro do mosteiro de Alcobaça—D. José Pessanha.
- 152 Camara (A) de Mação e o seu pelourinho—Abilio de Sá (1887).
- 153 Camara Municipal de Beja: Museu archeologico (1894-1895).
- 154 Camões (Obras completas de A. F. de Castilho, revistas, anotadas e prefaciadas por um de seus filhos—Julio de Castilho. 1906).
- 155 Capella (A) de S. João Baptista na igreja de S. Roque da Santa Casa da Misericordia de Lisboa—Jorge Camelier (1893).
- 156 Carta a respeito da heroína de Aljubarrota, Brites de Almeida—F. M. F. (Frei Manuel de Figueiredo.—Lisboa, 1776, 4.º de 15 pag.)
- 157 Carta archeologica do Algarve... elaborada em 1878... ampliada em 1882—Estacio da Veiga (Lisboa, 1883).
- 158 Carta dirigida a Salustio, amador de antiguidades—Abb. A. D. de Castro e Sousa (1839).
- 159 Carta e offerta á direcção benemerita da Sociedade Martins Sarmiento—Dr. Pereira Caldas.
- 160 Carta topographica da cidade do Porto, reduzida da que foi mandada levantar em escala de 1:500 por ordem da Camara Municipal da mesma cidade, referida ao anno de 1892. Dirigida e levantada por Augusto Gerardo Telles Ferreira, co-adjuvado por Fernando da Costa Maya e mais empregados. Lithographia a preto em 6 folhas 93 × 72.
- 161 Carta topographica de Lisboa e seus suburbios... levantada no anno de 1807 debaixo da direcção do Capp.^m Engenheiro Duarte José Fava. Reduzida e desenhada na casa do Risco das Obras Publicas no anno de 1826... lithographada pelos praticantes da mesma casa do Risco no anno de 1831.
- 162 Cartas a D. Manuel Caetano de Sousa sobre a historia do Porto—B. Azevedo e Carvalho (Ms. da Bibl. Nac. de Lisboa A 4, 26).
- 163 Cartas de Lisboa—Carlos Malheiro Dias.
- 164 Cartas sobre as antiguidades de Braga—Valerio Pinto de Sá (Ms. da Biblioth. Públ. de Lisboa, A 1, 23).
- 165 Cartaxo no anno de 1851.
- 166 Carteira do artista—Sousa Bastos.

- 167 Casa (A) de Bragança. Memoria historica—D. Thomaz M. d'Almeida Manuel de Vilhena.
- 168 Casa (A) onde falleceu Bocage. Noticia historica commemorativa do 1.º centenario da morte do poeta—Antonio Cesar Mêna Junior.
- 169 Castello (O) de Caliabria—Francisco Antonio da Veiga (Coimbra, 1856).
- 170 Castello (O) de Gaya—João Vaz. Augment. com um prefacio e historia de Gaya—Henrique Duarte Sousa Reis (Porto, 1877. 1 folh. com 2 estampas).
- 171 Castello (O) de Lanhoso. Chronica do tempo de el-rei D. Sancho II—Francisco Lopes de Azevedo Velho da Fonseca («Revista litteraria do Porto», 1838, t. II, pag. 359 a 373).
- 172 Castello (O) de Monsanto—Guilhermino Augusto de Barros.
- 173 Castello (O) de Palmella. Breve noticia historica—J. C. de Sousa Gonçalves.
- 174 Castello (O) de S. Jorge. Estudo historico e descriptivo—Augusto Vieira da Silva (1898).
- 175 Castello Velho e Castellinho do Alandroal—J. Leite de Vasconcellos («Archeol. Port.» n.º 8).
- 176 Catacumbas: miscellanea archeologica, bibliographica, numismatica, poetica, epigraphica, etc.—Antonio Francisco Barata (sómente até pag. 72).
- 177 Catalogo da exposição de arte religiosa que se celebrou no collegio de Santa Joanna Princeza, em Aveiro, no anno de 1895, —Marques Gomes; com uma apreciação da mesma exposição —Joaquim de Vasconcellos.
- 178 Catalogo da exposição de Aveiro promovida pelo Gremio Moderno em 1882 (Porto, 1883).
- 179 Catalogo de monographias historico-descriptivas de cidades, villas, monumentos, etc., á venda na livraria Pereira da Silva (Lisboa, 1901).
- 180 Catalogo do Museu archeologico da cidade de Evora, annexo de sua bibliotheca—Antonio Francisco Barata (Lisboa, 1903).
- 181 Catalogo do Museu archeologico de Beja (Beja, 1894).
- 182 Catalogo do Museu Cenaculo—A. F. Simões.
- 183 Catalogo dos desenhos e aguarellas do album Cifka da Bibliotheca Nacional de Lisboa—Gabriel Pereira.
- 184 Catalogo dos Manuscriptos da antiga livraria dos marquezes de Alegrete, dos condes de Tarouca e dos marquezes de Penalva.
- 185 Catalogo dos objectos existentes no Museu de archeologia do

- Instituto de Coimbra a cargo da secção de arçheologia do mesmo instituto (Coimbra, 1883).
- 186 Catalogo dos pergaminhos da Universidade de Coimbra—Gabriel Pereira (1886).
- 187 Catalogo dos priores da egreja de S. Miguel de Cintra, em que se contêm algumas antiguidades da mesma villa—P.^o Manuel Pereira de Sottomayor (1675)—Ms. da Bibliotheca Nac. de Lisboa.
- 188 Cava (A) de Viriato. Noticia descriptiva e critico-historica, com um appendice a proposito dos Moinhos do Pintor, subsidio para a questã da existencia de Grão Vasco—Henrique José das Neves (Figueira da Foz, 1893).
- 189 Cavar em ruinas—Camillo Castello Branco.
- 190 Centenario (O) do Infante D. Henrique—com uma carta por Firmino Pereira.
- 191 Ceramica portugueza. A ceramica em Portugal. Esboceto historico. As fabricas. Azulejos. Esculptura em barro. Tijolo. Dicionario de marcas. Diccionario de ceramistas profissionaes e amadores (1907)—José Queiroz.
- 192 Cerca (A) moura de Lisboa. Estudo historico descriptivo—Augusto Vieira da Silva (1899).
- 193 Cerco (O) do Porto—um portuense (Porto, 1840).
- 194 Cever do Vouga. Chronicas, producções, monumentos, costumes, lendas, paysagens—José Luciano de Figueiredo Lobo e Silva (Porto, 1906).
- 195 Chorographia historico-estatistica do districto de Coimbra—Agostinho Rodrigues de Andrade (Coimbra, 1896).
- 196 Chronica da Arrabida—Fr. Antonio da Piedade.
- 197 Chronica da jurisdicção de Braga. Noticias das egrejas do arcebispado de Braga (Ms. da Bibliotheca Nac. de Lisboa).
- 198 Chronica de D. João II—Garcia de Rezende.
- 199 Chronicas—Ruy de Pina.
- 200 Chronica de Palmeirim de Inglaterra—Francisco de Moraes.
- 201 Chronica dos Carmelitas—Fr. José P. de Sant'Anna (Lisboa, 1745).
- 202 Chronica dos Carmelitas descalços—Fr. João do Sacramento.
- 203 Chronica dos conegos regnantes—D. Nicolau de Santa Maria.
- 204 Chronica dos eremitas da Serra de Ossa—Henrique de Santo Antonio.

- 205 Chronica planetaria—José Augusto Corrêa (240 gravuras—1903).
- 206 Chronicas de viagem—Alberto Pimentel.
- 207 Cidade e bispado de Lamego—Joaquim d'Azevedo (Livros ineditos de Historia Portugueza, t. v).
- 208 Cidades de Portugal. Descrição de monumentos, curiosidades, historia e apreciação das 29 cidades do continente, com 28 brazões. Guia indispensavel ao viajante—José Augusto Corrêa (Lisboa, 1907).
- 209 Cidades (As) e villas da monarchia portugueza que têm brazão d'armas—Ignacio de Vilhena Barbosa.
- 210 Cintra pinturesca ou memoria descriptiva da villa de Cintra, Collares e seus arredores—Visconde de Juromenha (2.^a edição, ampliada e revista por A. R. da Cunha).
- 211 Coelhosa de Macieira de Cambra—Ayres Martins (1903).
- 212 Coimbra—Mario Monteiro (1902).
- 213 Coimbra antiga e moderna—A. C. Borges de Figueiredo.
- 214 Coisas da nossa terra. Breves noticias da villa de Aldeia Gallega—José de Sousa Rama (Lisboa, 1906).
- 215 Coisas espantosas—Camillo Castello Branco.
- 216 Collecção das antiguidades de Evora—André de Resende, Diogo Mendes de Vasconcellos, Gaspar Estaço, Fr. Bernardo de Brito e Manuel Severim de Faria.
- 217 Collecção das Memorias da Academia Real de Historia Portugueza.
- 218 Collecção de alguns escriptos administrativos do governador civil do districto de Beja o sr. José Silvestre Ribeiro, no anno de 1845—Antonio Cordeiro Feio.
- 219 Collecção (A) de desenhos e pinturas da Bibliotheca de Evora em 1884—Gabriel Pereira (1903).
- 220 Collecção de elementos para a historia do concelho da Figueira. 1.^a parte. (Figueira, 1898 - 99).
- 221 Collecção de memorias para a historia da villa de Portel—João Boto Cavalleiro Lobo de Abreu.
- 222 Collecção (A) de pinturas do Sr. Duque de Palmella—Gabriel Pereira (1903).
- 223 Collecção (A) dos codices com illuminuras da Bibliotheca Nacional de Lisboa—Gabriel Pereira.
- 224 Collecção dos monumentos romanos descobertos em Portugal e extrahidos de varios auctores, e Monumentos da egreja de Beja—Fr. Vicente Salgado.

- 225 Collecções e museus de arte em Lisboa—Alfredo Keil.
- 226 Collegio (O) de S. Fiel no Lourçal do Campo e o de N. S.^a da Conceição na Covilhã—Dr. J. A. Sousa Refoios.
- 227 Collegio dos Orphãos de S. Caetano—Dr. M. Dias da Silva.
- 228 Commentario latino e portuguez sobre o terremoto e incendio de Lisboa—P.^o Antonio Pereira de Figueiredo.
- 229 Comissão geologica de Portugal. Da existencia do homem em epochas remotas no valle do Tejo. Primeiro opusculo. Noticia sobre os esqueletos humanos descobertos no Cabeço da Arruda—F. A. Pereira da Costa; com a versão em francez por M. Dalhunty (Lisboa, 1865).
- 230 Comissão geologica de Portugal. Estudos geologicos. Da existencia do homem no nosso solo em tempos mui remotos provada pelo estudo das cavernas. Primeiro opusculo. Noticia ácerca das grutas de Cesareda (Cavernas exploradas: Casa da Moura, Lapa Furada, Cova da Moura)—Joaquim F. N. Delgado (Lisboa, 1867).
- 231 Compendio de noticias de Villa Viçosa, concelho da provincia do Alemtejo e reino de Portugal—P.^o Joaquim José da Rocha Espanca (Redondo, 1892).
- 232 Compendio e summario das grandezas e cousas notaveis que ha entre Douro e Minho, acrescentadas por José Martins (Lisboa, 1606. Cit. no «Diccionario Bibliographico Portuguez», t. VII, pag. 191).
- 233 Compendio historial... da casa da Virgem N. S.^a do Livramento no campo d'Azoeira, freguezia de S. Pedro dos Grilhões, termo da villa de Torres Vedras—P.^o Matheus Ribeiro (Lisboa, 1682).
- 234 Compendio hist.-critico... do instituto Bethlemitico-Jeronimyano—Fr. Antonio de Bettencourt (Na Torre do Tombo).
- 235 Compendio historico da villa de Celorico da Beira—Luiz Duarte Villela da Silva (1808).
- 236 Compromissos (Lés) de la côte d'Algarve—J. M. Mello de Mattos.
- 237 Concelho (O) de Alcochete—E. A. R. da Costa. (Lisboa, 1902).
- 238 Concelho (O) de Alcochete. Uma questão de actualidade, etc. (1897).
- 239 Concelho (O) de Borba—P.^o Antonio Joaquim Anselmo (1908).
- 240 Conclusão (A) do edificio dos Jeronymos. Parecer da Commissão nacional de monumentos, apresentado em sessão de 23 de Junho de 1897—J. Ramalho Ortigão.

- 241 Conde (O) de Ficalho. Elogio destinado a ser lido na sessão solemne de 6 de junho de 1904 para inauguração e entrega á Camara Municipal de Serpa da Bibliotheca Publica «Corrêa da Serra»—J. C. da Costa Caldas.
- 242 Congrès international d'anthropologie et d'archéologie préhistoriques. Compte-rendu de la neuvième session à Lisbonne, 1880 (Lisbonne, 1884).
- 243 Conimbricense (O)—Redactor, Joaquim Martins de Carvalho.
- 244 Conjecturas sobre huma medalha de bronze com caracteres desconhecidos e com os latinos «Vetto», achada no logar da Troya defronte da villa de Setuval—Fr. Vicente Salgado (1784).
- 245 Conquista, antiguidade e nobreza de Coimbra—Antonio Coelho Gasco.
- 246 Conquista (A) de Lisboa (romance)—Carlos Pinto de Almeida.
- 247 Constituições do arcebispado de Lisboa.
- 248 Constituições synodales do byspado de Vizeu—D. João Manuel (Coimbra, 1617).
- 249 Construcção moderna (revista).
- 250 Contos e Lendas—Luiz Augusto Rebello da Silva.
- 251 Convento (O) de Lorvão—Dr. Sousa Viterbo (Brinde do *Diario de Noticias* em 1887).
- 252 Convento de Mafra. Noticia historica e descriptiva—Cardoso Gonçalves («Annaes da Academia dos Estudos Livres». 1906).
- 253 Convento de N. S.^a dos Remedios dos frades carmelitas descalços, Mariannos, em Lisboa, precedido de um estudo biographico ácerca de Salvador Corrêa de Sá e Benevides e seu jazigo—Guilherme P. Dagge (Lisboa, 1872).
- 254 Convento de Santa Clara de Guimarães. Estudo historico—P.^o J. G. Oliveira (Porto, 1893).
- 255 Convento do Bom Jesus de Viseu. Breve Noticia historica—Maximiliano de Aragão (1897).
- 256 Convento (O) do Carmo e o seu instituidor ou noticia sobre a instituição do convento do Carmo em Lisboa e biographia do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, instituidor do mesmo convento—Mathias José de Oliveira dos Santos Firmo. (Ms. off. pelo auctor á Bibliotheca da R. A. dos Architectos e Archeologos Portuguezes, 1865).
- 257 Corographia Portugueza e descripção topographica do famoso reino de Portugal, com as noticias das fundações das cida-

- des, villas e logares que contêem; varões illustres; genealogia das familias nobres; fundações de conventos; catalogos dos bispos; antiguidades; maravilhas da natureza, edificios e outras curiosas observações. 3 tomos—1706-1708-1712.—P.º Antonio Carvalho da Costa.
- 258 Corpus—Inscriptionum Hispaniæ Latinarum supplementum—Dr. E. Hübner.
- 259 Correspondencia (A) de Fradique Mendes—Eça de Queiroz.
- 260 Côte (A) de D. Maria I (Cartas de Beckford).
- 261 Coup d'œil sur Lisbonne et Madrid en 1814—C. V. Hautefort. (Paris, 1820).
- 262 Cousas leves e pesadas—Camillo Castello Branco.
- 263 Couseiro (O) ou Memorias do Bispado de Lisboa (Braga, 1868; 2.ª ed., Leiria, 1898).
- 264 Covilhã (A) no Centenario—Dr. Manuel Nunes Giraldes.
- 265 Criticas á «Noticia de Barcellos», de Amaral Ribeiro—Manuel Forte de Sá.
- 266 Cruzeiros de Portugal; contribuições para o catalogo descriptivo—Dr. Sousa Viterbo.
- 267 Culto (O) da arte em Portugal—J. D. Ramalho Ortigão.
- 268 Da architectura religiosa em Coimbra durante a idade media—Dr. Augusto Filippe Simões.
- 269 Da existencia do homem em epochas remotas no valle do Tejo—Dr. F. A. Pereira da Costa (1865).
- 270 Damião de Góes e a inquisição de Portugal—A. P. Lopes de Mendonça (Lisboa, 1859).
- 271 Das antiguidades da chancellaria de Braga. De antiquitatibus conventus Bracaraugustani libri quatuor—D. Jeronymo Contador de Argote.
- 272 Das ordens religiosas em Portugal—Pedro Diniz (1853).
- 273 De antiquitatibus Eboræ—André de Resende (1790).
- 274 De antiquitatibus Lusitaniæ—André de Resende (Evora, 1593).
- 275 De Bemfica á Quinta do Correio Mór—Gabriel Pereira.
- 276 De Bracharensis urbis origine (Na Biblioth. da Acad. Real das Sciencias de Lisboa).
- 277 De la colonisation chez les peuples modernes—Paul Leroy Beaulieu (Paris, 1891).
- 278 Demographia e hygiene da cidade do Porto—Dr. Ricardo Jorge.
- 279 Demonstração historica da primeira e real parochia de Lisboa